



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Bernardo Castanheira Rocha

DEMOCRACIA CULTURAL E ARTE PARTICIPATIVA
Jazz ao Centro Clube, uma Associação Fora dos
Eixos

Relatório de Estágio de Mestrado em Sociologia sob a orientação
da Professora Doutora Paula Abreu e apresentada à Faculdade de
Economia da Universidade de Coimbra.

Setembro de 2022



Bernardo Castanheira Rocha

Democracia Cultural e Arte Participativa
Jazz ao Centro Clube, Uma Associação Fora dos Eixos

Relatório de Estágio de Mestrado em Sociologia sob a Orientação da
Professora Doutora Paula Abreu e apresentado à Faculdade de Economia
da Universidade de Coimbra

Setembro de 2022

Índice

Índice	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract.....	v
Introdução	1
Capítulo 1 – Jazz ao Centro Clube: 19 anos de atividade na cidade de Coimbra.....	12
Capítulo 2 - Fora dos Eixos - Práticas Artísticas de Proximidade: Caraterização do projeto piloto decorrido entre 27 de agosto e 12 de dezembro de 2021	42
Mondego Ensemble Jazz ao Centro - Residência Artística em Taveiro Loucomotiva - Grupo de Teatro de Taveiro	44
Cine-Concertos Cernache, Assafarge e Antanhol, Almalaguês, Trouxemil e Souselas e Botão	49
Concertos Bairro do Ingote; Santo António dos Olivais; Mercado do Calhabé53 Lugares Sonoros: Passeios sonoros e Escuta criativa Brasfemes, Ceira, S. João do Campo, S. Silvestre, S. Martinho da Árvore	62
Conclusão	67
Referências bibliográficas	70

Agradecimentos

Antes de iniciar esta reflexão, é necessário referir que este trabalho apenas é possível pelo contributo de diversas pessoas que direta ou indiretamente, deram-me um apoio e suporte ao qual tenho de expressar um agradecimento.

Em primeiro, gostaria de agradecer a orientação da Dra. Paula Abreu, que, de forma incansável e pertinente, sempre me apoiou em diversos projetos que desenvolvi ao longo da minha licenciatura e do meu mestrado e que sem esse acompanhamento, todo o meu percurso não seria tão interessante e estimulante como foi, um obrigado.

Um apoio fundamental e uma força incansável ao longo de todo este período, foi a minha família. Sem este suporte nada disto seria possível, à minha mãe Zélia e à sua energia infinita, bondade e orientação, ao meu pai Carlos por toda a paciência, pertinência e apoio, ao meu avô José, à minha avó Maria, ao meu avô António e à minha avó Ermelinda, que lutaram uma vida inteira para que os seus filhos e netos tivessem uma vida mais segura e confortável que a deles, um obrigado sem término.

Aos meus amigos e amigas, que de forma direta ou indireta me ajudaram em discussões, debates e orientação em muitos momentos, a vossa presença e apoio foi uma âncora sempre presente durante todo este percurso. Um agradecimento especial à Maria por me ter acompanhado em grande parte deste caminho, o teu suporte e motivação foram um porto seguro para nunca parar, um obrigado profundo. Um obrigado particular à Lia, ao Balas, ao Ricardo, ao João Nuno, ao Toscano, ao Bargão, ao Brito, à Inês, ao Martelo, ao Cajó, ao Jaime, ao Rafael, ao Luís, ao Mero pela paciência e pela força, obrigado por estarem comigo em todos os momentos.

Por fim, um agradecimento especial a toda a equipa do JACC. Em primeiro, ao José Miguel, por toda a orientação e que, de forma honesta, me deu a conhecer diversas dimensões novas, interessantes e estimulantes para densificar conhecimentos na dimensão musical, profissional e pessoal, um agradecimento genuíno. Um obrigado também a toda a equipa que acompanhou, orientou e suportou, de forma mais próxima toda esta caminhada assim como muitos dos momentos do presente relatório, à Adriana, ao Miranda, à Rita, à Ana, ao Carlos, à Dona Rosa, ao João Duarte, um obrigado pelo apoio e por me integrarem nesta bonita família Jazz ao Centro Clube.

Resumo

O presente relatório de estágio é promovido e integrado no Mestrado em Sociologia na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, centra-se na experiência obtida através da integração na equipa da associação sem fins lucrativos Jazz ao Centro Clube. Tem como objetivo principal fazer uma caracterização da associação, apresentando as suas premissas teóricas e a concretização de diversos projetos que de alguma forma se relacionam com as reflexões avançadas.

Neste documento, o foco destina-se a um dos projetos realizados pela JACC, denominado *Fora dos Eixos: Práticas Artísticas de Proximidade*. A intenção inicial tinha como premissa principal o acompanhamento das atividades a serem realizadas em 2022, no entanto, por motivos de calendarização de diversas partes integrantes, impediu que as atividades decorressem em tempo útil do presente estágio curricular que permitisse uma análise científica mais detalhada. No entanto, o laço que estabeleci em 2021 com a JACC, permitiu que acompanhasse a primeira edição do projeto, ao qual avanço uma descrição e caracterização detalhada das atividades realizadas, tentando relacionar a perspetiva científica com a profissional.

Numa perspetiva pragmática, este relatório dedica-se a avançar a reflexão sobre democracia cultural, arte participativa e arte comunitária, tentando perceber de que forma diversas abordagens à atividade cultural podem determinar um rumo a um acesso facilitado ao capital cultural, reduzindo, através dinâmicas artísticas, as clivagens de acesso ao mesmo. Os exemplos avançados neste documento tentam demonstrar de que forma a Jazz ao Centro Clube contribui para atividade cultural, artística e social no panorama regional de Coimbra, relacionando-se diretamente com os conceitos avançados pelas reflexões teóricas propostas.

Abstract

This internship report is promoted and integrated into the Masters in Sociology at the Faculty of Economics of the University of Coimbra. It focuses on the experience gained through the integration in the team of the non-profit association Jazz ao Centro Clube. The main objective is to characterize the association, presenting the theoretical premises and their implementation on several projects that somehow relate to the reflections of this report.

In this document, the focus is on one of the projects carried out by JACC, called *Fora dos Eixos: Práticas Artísticas de Proximidade*. The initial intention of this report had the main premise on the monitorization of the activities to be carried out by this project in 2022, however, due to scheduling reasons of several integral parts, it prevented the activities from taking place in the period of this study, which would allow a more detailed scientific analysis. However, the bond I established in 2021 with JACC allowed me to accompany the first edition of the project, to which I provide a detailed description and characterization of the activities carried out, trying to relate the scientific perspective to the professional one.

From a pragmatic perspective, this report is dedicated to advancing the reflection of the concepts of cultural democracy, participatory art and community art. Analyzing and trying to understand how different approaches to cultural activity can determine a path towards easier access to culture, relating directly through artistic. The examples advanced in this document try to demonstrate how Jazz ao Centro Clube contributes to cultural, artistic and social activity in the regional panorama of Coimbra, directly relating to the concepts advanced by the proposed theoretical reflections, with emphasis on the project *Fora dos Eixos: Práticas Artísticas de Proximidade*.

Introdução

O presente relatório de estágio curricular resulta de uma colaboração com a associação sem fins lucrativos Jazz ao Centro Clube e destina-se a desenvolver uma análise do projeto *Fora dos Eixos – Práticas Artísticas de Proximidade*. O relatório tem como objetivo avançar uma reflexão sobre dois conceitos centrais, a democracia cultural e a arte participativa, relacionando-os com conceitos inerentes que se entrelaçam com a ação através dos projetos desenvolvidos pela associação sem fins lucrativos JACC. Tenho como intenção caracterizar a instituição, analisar a sua programação, tendo como foco central do relatório de estágio o estudo do projeto *Fora dos Eixos: Práticas de Proximidade Artística*.

Ao longo do meu percurso académico, o interesse pela dimensão artística e cultural foi progressivamente conquistando espaço nas dimensões que tenho vindo a abordar. Este interesse desdobrou-se por toda a licenciatura em sociologia na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, dedicando grande parte do meu percurso a analisar movimentos, entidades artísticas e culturais da cidade em que resido há 9 anos. A cidade de Coimbra já testemunhou alguns fenómenos artísticos aos quais tive oportunidade de debruçar alguma atenção e desenvolver algum estudo. Um exemplo claro é o movimento *punk* na década de 1990 que ainda hoje influencia de uma forma notória a atividade artística alternativa da cidade, desde a espaços culturais, agentes artísticos e projetos musicais. Muitos destes projetos, apesar de não terem resistido ao tempo, catalisaram múltiplos projetos musicais, o exemplo dos *Tédio Boys* é central, visto que deste projeto surgem *The Parkinsons*, *The Legendary Tigerman*, *d3o* ou *The Twist Connection*, entre muitas outras colaborações. Realço ainda o fenómeno da *Rádio Universidade de Coimbra*, a primeira rádio escola nacional que ainda hoje tem um papel central na vida cultural da cidade, relacionando-se diretamente com diversos agentes culturais, espaços artísticos desenvolvendo projetos de divulgação, informação, programação assim como os seus cursos de formação que constituem, a par da sua emissão, as suas diretrizes fundamentais.

A estes exemplos associa-se o Jazz ao Centro Clube, entidade com a qual estabeleci uma relação fruto do local em que se encontra a sua sede, o Salão Brazil, que

desde 2015 frequento de uma forma regular acompanhando a sua programação diversificada, que cada vez mais se demonstra capaz de trazer à cidade de Coimbra momentos artísticos únicos. A relação estabelecida com o Salão Brazil foi-se densificando com o passar do tempo. Fruto de estar envolvido em projetos musicais, surgiu a possibilidade de um destes projetos, *Lazy Eye Society*, fazer a sua estreia na caixa negra da baixa de Coimbra. Realço que este concerto foi de difícil realização devido ao preenchido calendário da programação do Salão Brazil. No entanto, a proximidade da associação com a comunidade artística local é de assinalar e foi por isso que comecei a estabelecer uma relação informal, por vezes profissional, com o Salão Brazil.

A relação descrita volta a densificar-se, quando começo a desenvolver um novo projeto na cidade de Coimbra, o *Festival Apura*, um festival de música e de arte independente que tem como objetivo ser uma plataforma de divulgação e apresentação de projetos locais e nacionais emergentes, tendo como prioridade fortalecer os laços entre os artistas locais e os agentes da cidade de Coimbra. O intuito principal do festival é sedimentar uma permanente atividade artística que se relacione com a comunidade local. A colaboração com o Salão Brazil e com o JACC surge num primeiro momento com a possibilidade de realizar eventos no Salão Brazil, assumindo o Apura a curadoria dos eventos contando com o apoio da equipa do JACC para os realizar. Este apoio foi fundamental para o projeto, criando uma oportunidade direta de suporte a artistas emergentes e independentes, que tiveram a possibilidade de apresentar as suas obras num local com boas condições em diversas áreas, desde a logística à técnica e ao conforto da audiência. O maior contributo desta colaboração encontra-se no valor intangível que é a valorização artística destes projetos, impulsionando o seu progresso e capacitando-os para se relacionarem com uma audiência interessada em escutar o que de novo surge na cidade de Coimbra. A programação do Salão Brazil procura priorizar esta abordagem arrojada, centrada no jazz mas aberta ao experimentalismo, ao alternativo, à improvisação, ao rock alternativo, entre uma multiplicidade de géneros musicais e performativos, trazendo à cidade artistas nacionais e internacionais de referência.

A colaboração descrita demonstra a relação que estabeleci com o Salão Brazil e com o JACC numa dimensão a que chamo informal, pois em 2020, após terminar a minha licenciatura em sociologia, inicia-se um novo capítulo nesta relação. É neste momento de término da minha licenciatura que necessito de refletir e perceber se quero continuar o

meu percurso académico ou encontrar uma solução profissional para permanecer na cidade de Coimbra. Sendo o momento indicado para procurar possíveis soluções para esta circunstância, cruze-me então com a iniciativa *ATIVAR*, promovida pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP). Apoio destinado a promover a integração de jovens licenciados no mercado de trabalho, tendo o JACC já acolhido jovens licenciados integrados neste programa. Esta circunstância facilitou a concretização desta possibilidade. Iniciei o estágio na associação Jazz ao Centro Clube no dia 14 de dezembro de 2020, prolongando-se até dia 3 de janeiro de 2022. O período de estágio foi prolongado devido a uma paragem durante três meses fruto da circunstância pandémica provocada pelo vírus *Sars-cov2* que teve efeitos devastadores transversais á sociedade portuguesa, mas com impacto notório na dimensão cultural. A situação pandémica impediu a realização de espetáculos e performances ao vivo durante um longo período de tempo, impondo inúmeras restrições e condicionantes que se alargaram até o início de 2022, sendo que ainda não cessaram de existir.

Este, foi claramente um momento difícil para a cultura em Portugal, com notórios constrangimentos às atividades artísticas e culturais, mesmo depois dos períodos de confinamento obrigatório. No entanto, não foi de todo uma oportunidade desperdiçada, mas sim um momento particular na história global que, de um ponto de vista sociológico, obriga uma análise sobre a ação dos agentes culturais. Reforço a atenção para toda a adaptação que foi necessário fazer, os diferentes métodos de resistência para a realização de eventos de forma segura para todos os intervenientes, de criação e apresentação de obras de arte. Todos estes momentos foram relevantes para uma análise deste fenómeno inesperado que alterou estruturalmente relações sociais, relações culturais, relações institucionais que ainda hoje se encontram numa fase experimental de reestruturação de laços dilacerados por imposições de segurança e de saúde pública. Será interessante analisar esta situação por diversos ângulos, avançando desde já o descrito por António Casimiro na sua obra “*Sociologia do Direito – Uma abordagem sociopolítica*” (2019), tendo particular atenção às suas perspetivas sobre a relação entre o direito, a política e a sociedade em circunstâncias de exceção e de austeridade, que apesar de não se relacionarem diretamente com esta questão específica, representam um espaço comum que relaciona em concreto a ação, governação e jurisdição em circunstâncias de exceção e a relação entre a dimensão política o uso do medo e o impacto que tem na comunidade.

Apesar da situação descrita, o projeto *Fora dos Eixos* (2021), desenvolvido pelo JACC e sobre o qual me irei debruçar detalhadamente, conseguiu realizar as atividades planeadas apesar de sujeitas a restrições e condicionantes que acompanharam todos os eventos. Tais como, a lotação reduzida da audiência do evento, o distanciamento obrigatório entre cada pessoa presente no espetáculo, a permanente higienização, a preparação de um espaço de isolamento caso existisse a confirmação de alguém infetado e com possibilidade de transmissão da doença, apesar de condicionarem estruturalmente o planeamento dos eventos, os esforços desenvolvidos pelas entidades autárquicas e pela Direção Geral da Saúde permitiram que os eventos fossem realizados com todas as condições de segurança, não havendo qualquer caso de *Sars-cov2* na totalidade dos eventos realizados pelo JACC durante este período.

Antes de avançar para a descrição do projeto que analisei com maior minúcia, é importante contextualizar e fundamentar o motivo de alterações quanto ao plano inicial. Eu entrei na organização JACC num ano muito peculiar, em que surgiu a pandemia COVID-19, o que condicionou em diversas dimensões a ação dos artistas, dos agentes culturais e obviamente da população no geral, fruto das rígidas medidas de contenção ao vírus. Anteriormente referi a importância deste fator para a alteração das circunstâncias, dos métodos de ação, dos locais em que seria seguro ou não realizar eventos performáticos, entre outros. Tudo foi necessário ser repensado, os espaços entre muitas condicionantes, tinham de assegurar condições de higiene, condições de isolamento caso fosse necessário, a audiência tinha de se encontrar sentada, distanciada escrupulosamente pelas condições definidas pela Direção Geral da Saúde. Foram momentos que não só puseram à prova todos os agentes culturais do país, mas em particular os agentes independentes que se encontraram desamparados, com apoios reduzidos e sem a possibilidade de obter qualquer meio de financiamento para a sua sustentabilidade.

Com tudo isto, algo que já era evidente tornou-se inquestionável, a precariedade na indústria cultural ficou a nu, a comunidade percebeu que na verdade não era um número reduzido de pessoas que exercia atividade laboral no universo musical, mas eram sim, bastantes pessoas desprofissionalizadas que assumem estas funções e que aquando da explosão pandémica não se encontravam minimamente protegidas. Houve um aglomerado de trabalhadores informais da cultura que inclusivamente entraram na

estatística da pobreza em Portugal, tendo surgido alguns projetos de apoio direto aos profissionais desta área por todo o país.

O fenómeno pandémico provocou o fecho de várias associações culturais, agentes independentes que desenvolviam um trabalho diário para conseguir subsistir. Cada vez mais exemplos destes vão surgir, a gentrificação existente nos centros urbanos de Lisboa e Porto asfixiam permanentemente os movimentos da comunidade em prol da imposição turística. É nesta dimensão que surge a reflexão sobre a ação governamental e de que forma esta pode ser positiva ou negativa. As imposições feitas durante o período pandémico em concreto aos espaços culturais e aos eventos performáticos tornou-se difícil de explicar. Num primeiro momento o fecho foi transversal a todas as atividades, sendo que a última a ser retomada fora precisamente a cultural fruto do convívio social que inerentemente lhe pertence. No entanto, cedo percebemos que ao contrário de projetos de apoio a famílias e a profissionais de diversas áreas que perderam a sua atividade, foram os profissionais da cultura, tendo uma realidade extremamente precária que não obtiveram apoio imediato. Foi fruto de contestação social através de manifestações que os profissionais da cultura começaram a ter alguma exposição mediática e jornalística, exigindo uma contratualização dos seus serviços e um reconhecimento de largos anos de trabalho. O principal objetivo pauta-se não só por uma proteção jurídica mas em simultâneo o reconhecimento destes trabalhadores para o mesmo nível de proteção laboral em relação a todos os trabalhadores contratualizados. É apenas a 11 de novembro de 2021 que é aprovado o *Estatuto dos Profissionais da Área da Cultura*, publicado no Diário da República, o Decreto-Lei nº 105/2021. O decreto avança o seguinte:

"De forma a abranger todas as relações de trabalho que se estabelecem no âmbito do setor da cultura, bem como o respetivo regime de proteção social, o Estatuto encontra-se dividido em três partes essenciais: (i) o registo dos profissionais da área da cultura (RPAC), (ii) o regime de contrato de trabalho e de prestação de serviço; e (iii) o regime de proteção social." (Decreto-Lei nº 105/2021, Diário da República; pg. 5)

Esta formalização é fundamental para a progressiva evolução de condições laborais justas, às quais estes profissionais sempre estiveram ausentes. Porque apenas em 2021 é avançada esta proposta, a indústria cultural em Portugal movimenta milhares de pessoas e enormes montantes monetários já há várias décadas. Esta ausência nos trâmites

jurídicos portugueses é muito difícil de explicar. Este fator é fundamental para contextualizar as dificuldades que os profissionais desta dimensão sofreram durante o período pandémico.

Num ponto de vista um pouco mais geral, tenho intenção de abordar o fator *medo*. Assumi também um papel durante todos estes momentos, por diversas vezes sendo instrumentalizado para efeito político. Não tendo qualquer intenção de fazer uma análise política desta circunstância, tenho apenas intenção de promover uma reflexão sobre o papel que este fator pode ter, especialmente aquando da sua conexão com a dimensão política. Para tal, avanço a reflexão proposta por António de Casimiro Ferreira na obra *Sociologia do Direito, Uma Abordagem Sociopolítica*, publicada em setembro de 2019. O autor avança o seguinte:

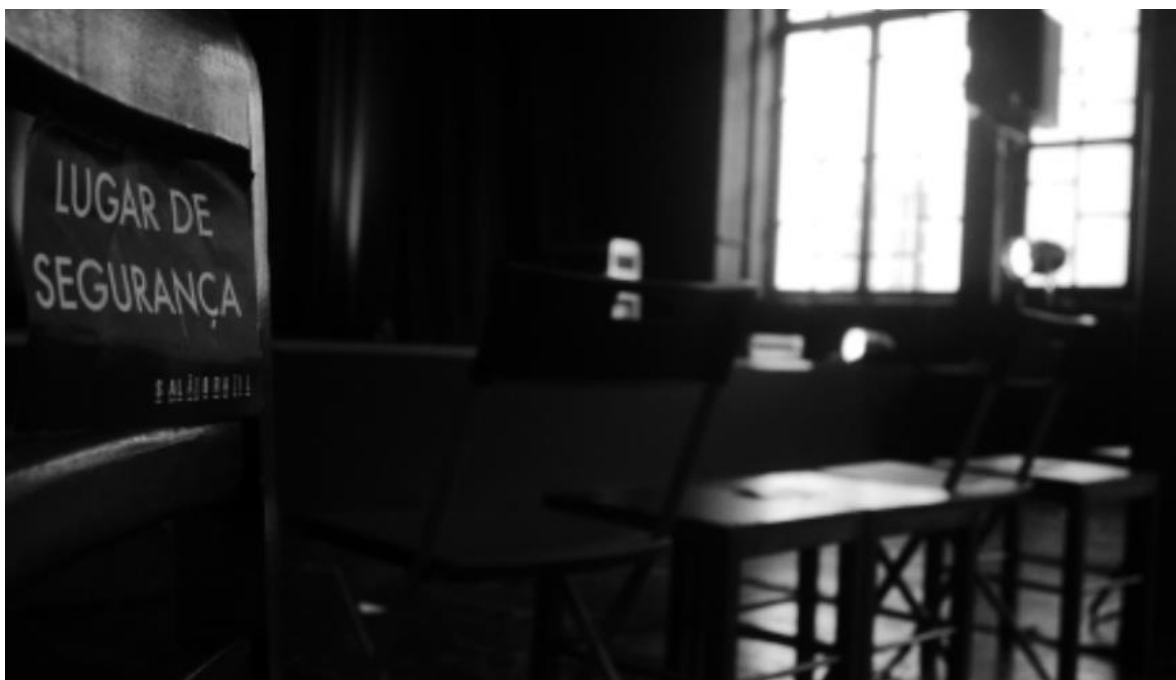
“Para a sociologia do direito, o medo surge vinculado à sociedade enquanto seu produtor e, também, à criação das condições de padrões normativos de consenso, que se prestam à instrumentalização política. Em termos sociológicos, o medo assume-se como um instrumento de definição, de controlo e de governo da ordem social, enquanto elemento constitutivo da sociedade política ligado à necessidade de proteção e de certeza através do governo político. (Ferreira, 2019)”

É no quadro desse entendimento sociojurídico do medo que se considera que o mesmo faz parte do processo de legitimação da relação política entre governantes e governados, facilitador da existência quotidiana do estado, da eficácia das leis e do exercício do poder. (Mongardini, 2007; in Sociologia do Direito)

Sendo o fator medo e direito como agentes independentes, tornam-se ambos instrumentos da governação política. O autor dá o exemplo do uso da instrumentalização do fator medo durante períodos de crise, com vista a obter o consenso político. Assim como aconteceu com a mais recente presença da *troika* no país, o mesmo aconteceu durante os períodos de crise durante a pandemia. Por motivos distintos, um relativo a instabilidades financeiras e outro, sob a imposição da saúde e da segurança pública. Apesar de a fundamentação ser distinta, o medo foi e ainda é instrumentalizado. Vemos isso não só pela ação política, relativamente a este último momento, mas vimos também os *media* a terem um papel determinante na opinião pública, impondo narrativas alarmistas permanentes que catalisam o consenso social e político referido pelo autor,

baseado no medo. Neste caso em concreto, a reflexão sobre a justificabilidade para a ação será sempre subjetiva e a contenção de contágios e de óbitos foi fundamental para a segurança de toda a comunidade. O ponto que quero estabelecer nesta relação, encontra-se pela dificuldade em confiar na segurança dos espetáculos performativos e da atividade de diversos agentes culturais durante o período pandémico. Recordo que este setor foi o último a entrar em atividade, quando já estabelecidas normas de segurança aplicáveis em diversos outros espaços comerciais, o mesmo não foi garantido ao setor cultural. A inconformidade da rigidez normativa demonstra-se também nestes momentos, sendo que não foi registado nenhum surto do vírus em espetáculos culturais durante o período de confinamento condicionado. Esta ação é convergente com o que foi dito anteriormente, na permanente desvalorização do setor cultural e da necessidade de o mesmo entrar num nível de precariedade incapaz de sobreviver para apenas haver uma ação política e jurídica que surge em 2021.

Este processo de valorização política e social da cultura terá um longo caminho pela frente, se olharmos para o valor do orçamento destinado ao ministério da cultura compreendemos facilmente a ausência de priorizar este setor e os seus profissionais. O Salão Brazil foi um dos reduzidos locais na cidade de Coimbra que continuou a sua atividade, sempre em convergência com as condições impostas pela Direção Geral da Saúde assim que foi permitida a sua retoma. Estando presente na quase totalidade de eventos decorridos durante período, foi uma fase difícil em que a própria confiança da audiência se encontrava ausente para frequentar um espaço cultural para assistir a um evento performático. A confiança foi recuperada aos poucos e o Salão Brazil, tendo a lotação máxima de 99 lugares, demonstrou-se capaz de assegurar que todos os eventos realizados no seu espaço aconteceram com sucesso e sem casos a assinalar.



Salão Brazil | Imagem retirada da revista científica *Prisma* | Fotografia: Rafael Borges

As condicionantes referidas foram também impostas nos diversos projetos fora de portas realizados pelo Jazz ao Centro Clube, como por exemplo, o projeto *Fora dos Eixos* ao qual me irei debruçar de seguida, de uma forma mais detalhada relativa à sua produção e programação. Estas condicionantes foram transversais a todos os eventos, algo que será notório nos registos fotográficos.

Em jeito conclusivo, as consequências provocadas pela pandemia não foram determinantes apenas durante o ano de 2020 e de 2021. O mesmo ainda acontece no ano de 2022. O motivo pelo qual não surgiu um momento oportuno para o acompanhamento do projeto *Fora dos Eixos* em 2022 prende-se precisamente por obstáculos provocados pela inatividade dos dois anos anteriores. Um dos projetos que tinha em vista acompanhar, seria a residência artística que iria acontecer em Taveiro, em que a convite do JACC, artistas e professores de *jazz* colaborariam com a Banda Filarmónica de Taveiro, durante um período de tempo, para apresentarem um momento performativo que em simultâneo poderia resultar em possíveis peças originais e diversos momentos de formação entre os agentes intervenientes. Este projeto não teve oportunidade de se realizar em período útil para o presente relatório de estágio pois tornou-se impossível a conjugação dos concorridos calendários tanto dos artistas como da banda filarmónica. Pois após dois anos de interregno, em 2022 a agenda de ambos os agentes tornou-se

completa, felizmente. Por outro lado, este foi um dos projetos que ficou de ser realizado num momento oportuno para ambas as entidades, sendo que o período de maio a setembro é um dos períodos mais ativos dos projetos.

A solução encontrada para este obstáculo estrutural ao relatório que tinha em vista, será a análise do projeto *Fora dos Eixos* decorrido em 2021. A descrição não é feita com recursos a metodologias sociológicas, é, no entanto, uma perspetiva privilegiada fruto da função que estabeleci na pré-produção, produção e acompanhamento das diversas atividades desenvolvidas pelo projeto.

O presente relatório terá uma génese híbrida em que abordarei alguns conceitos teóricos enquanto descrevo e caracterizo a identidade da associação sem fins lucrativos Jazz ao Centro Clube. Será possível analisar os objetivos a que esta se propõe e a forma como se relacionam com conceitos como arte participativa e democracia cultural, tentando articular reflexões avançadas por autores como François Matarasso e João Teixeira Lopes, que se debruçam precisamente sobre os conceitos.

No momento seguinte, específico o caso proposto para a análise - *Fora dos Eixos* decorrido – que decorreu durante 2021, sendo que o plano inicial do relatório era o de acompanhar e analisar de dois eventos a realizar pelo projeto *Fora dos Eixos* em 2022. Estes dois eventos tinham como génese uma proximidade com a comunidade em diversas dimensões, tendo presente um plano formativo e um plano de cocriação com agentes da zona periférica da cidade de Coimbra. No entanto, as condições geradas pela pandemia, como referido anteriormente, não permitiram o acompanhamento dos eventos referidos, devido a dificuldades de calendário das entidades envolvidas que viram as suas agendas ficarem completas após o término das restrições rígidas à realização de eventos performativos.

Como tal, o plano alternativo adotado no presente relatório, foi o de uma abordagem híbrida, à instituição JACC em parceria com a reflexão teórica avançada e uma análise detalhada sobre o projeto *Fora dos Eixos 21*, que tive a oportunidade de acompanhar de forma próxima. Após essa descrição, avanço uma breve reflexão sobre o impacto da pandemia na dimensão cultural de forma a terminar com uma análise sobre de que forma a associação sem fins lucrativos desenvolve os seus projetos e o contributo que é refletido na comunidade, fruto da minha experiência. Infelizmente, o plano inicial

não foi possível de concretizar em tempo útil para a elaboração do presente relatório. No entanto, demonstra-se claro que os projetos desenvolvidos pelo JACC merecem ser alvo de pesquisa sociológica dada a fundamentação que os catalisa, e os resultados que geram.

Com todas as condicionantes que afetaram a realização do estágio e, conseqüentemente, do presente relatório, há dimensões que tinha em vista abordar cuja análise não será possível. Desde já os eventos realizados no âmbito do *Fora dos Eixos* no ano de 2022. Apesar das condicionantes, sinto que o contributo dado por este relatório se demonstra relevante na forma como demonstra a estrutura, o papel e os obstáculos de um agente cultural independente no desenvolvimento da sua atividade. No caso analisado, um agente cultural que atua na promoção da arte e da música através do jazz mas que se demonstra ser bem mais do que isso. Algo que se constata no momento de caracterização da instituição e do seu percurso. Este demonstra bem a evolução de um projeto que inicia como um evento anual e que progressivamente evolui para uma associação, tendo sedimentado a sua presença na cidade com uma sede na baixa de Coimbra. Sede esta que tem uma programação de referência na atividade cultural da cidade, desenvolvendo diversos festivais com diferentes premissas, criando um serviço educativo e tendo realizado um trabalho reconhecido na dimensão discográfica e literária. Em diversos projetos, é claro o cruzamento entre a dimensão cultural e artística e a dimensão social, formativa e criativa. Como tal, a associação sem fins lucrativos Jazz ao Centro Clube mostra ser um agente com um papel incontornável na atividade cultural dos últimos 20 anos da cidade de Coimbra, ao qual a sociologia deve prestar atenção.



The Parkinsons | Dezembro de 2017, no Salão Brazil | Fotografia: João Duarte



Salão Brazil, Coimbra | Sede da Jazz ao Centro Clube | Fotografia: João Duarte

Capítulo 1 – Jazz ao Centro Clube

19 anos de atividade na cidade de Coimbra

A associação sem fins lucrativos Jazz ao Centro Clube constituída a 30 de abril de 2003, resulta da dinâmica criada através do *Festival Jazz ao Centro – Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra*, que catalisou a união de esforços de um conjunto alargado de sócios que fundaram a associação, definindo como objetivos estatutários a promoção, divulgação e ensino da cultura musical, com especial ênfase no jazz. Foi a partir deste momento que o JACC constituiu uma equipa profissional e começou a desenvolver projetos, tais como: a jazz.pt, revista bimestral de jazz que teve a primeira edição em 2005 e se mantém em atividade até ao presente momento; o *Festival Itinerante Portugal Jazz*, com edições entre 2007 e 2011; a editora *JACC Records* que começou a sua aventura discográfica em 2010 e se mantém em atividade, tendo editado até este momento 44 obras discográficas. Trabalhando de forma próxima com músicos conceituados assim como com jovens músicos incluindo algumas estreias no universo musical; o *XJazz – Ciclo de Jazz das Aldeias do Xisto* que teve a sua primeira edição em 2012 e permanece no presente a realizar espetáculos, performances e residências artísticas nas zonas rurais das Aldeias do Xisto. Fruto de todos estes projetos, a associação avança para a sedimentação no meio cultural da cidade de Coimbra adquirindo o trespasse do Salão Brazil, antigo salão de bilhares situado na Baixa de Coimbra, em agosto de 2012.

A sede da associação gerou uma nova dinâmica cultural na cidade, apoiada na programação e gestão do JACC. Este momento permitiu desenvolver projetos conectados com a dimensão urbana e relacionando-se diretamente com a comunidade. O programa artístico do JACC em 2020/2021, avança o seguinte sobre a importância do Salão Brazil como sede da associação: *‘O impacto que essas mudanças provocaram na matriz identitária do JACC foi acompanhado pela reflexão e partilha de experiências com a comunidade, muitos entre os milhares de artistas que participaram nas nossas atividades e com outros profissionais da cultura, nomeadamente com cujas estruturas com quem temos mantido relações de colaboração.’* (Programa Artístico JACC 2020/2021) A partir de 2013, inicia o *Arquivo Sonoro do Centro Histórico de Coimbra*, que gera a criação do festival *Sons da Cidade* cujos objetivos são os de celebrar, refletir e pensar através de práticas artísticas, a presença da Universidade de Coimbra – Alta e Sofia, na

lista de Património Mundial da Unesco. Em 2015 foi criado o *Serviço Educativo JACC* que se destina a desenvolver iniciativas centradas na criação artística, no território e na cidadania, permitindo a realização de diversos projetos como, *O Jazz é Fixe!* (2015); *Perder o Chão* (2017); *Boca de Incêndio* (2018). O JACC alberga atualmente o *Clube UNESCO – Arte, Património e Comunidade* promovendo projetos inovadores como o *Arquivo Digital do Centro histórico de Coimbra*.

Após esta contextualização geral da atividade do JACC durante os seus 19 anos de atividade, faz sentido uma abordagem que vai para além da análise da programação avançada pela associação. A génese do projeto ilustra diretamente diversos conceitos abordados nas ciências sociais, desde os pontos centrais do conceito de democracia cultural desde ao livre acesso à cultura, tendo como objetivo reduzir as clivagens no acesso a este campo. Para isso, desenvolve iniciativas que cruzam a comunidade com projetos de arte participativa e de cocriação entre artistas locais, nacionais, internacionais e entidades tanto do centro urbano da cidade de Coimbra, como de zonas periféricas e rurais de toda a região.

A primeira reflexão que proponho é sobre os pontos estruturais e identitários que o JACC assume como prioridade e como representativos da sua génese. Através do programa artístico JACC 2020/2021, documento disponibilizado pela associação, é possível perceber os pontos fundamentais da associação e que hoje, direcionam a ação da mesma:

Embora centrados no domínio cultural que se denomina Artes do Espetáculo (compreendendo atividades de apoio, exploração de salas e atividades conexas), o JACC marca presença noutros domínios da cultura de forma efetiva. Estes são: a) Audiovisual e Multimédia: atividades de gravação de som e de edição de música; b) Interdisciplinar: atividades de investigação e desenvolvimento, atividades educativas; c) Livros e Publicações: edição de livros; d) Património Cultural: atividades de divulgação, difusão e valorização do património material e imaterial nacional.

No que concerne às funções da cultura, o JACC assumiu funções relacionadas com: a) Criação; b) Difusão / Marketing; c) Educação; d) Preservação / Conservação; e) Produção / Divulgação. (Programa Artístico JACC 2020/2021; pg. 3)

Aqui, de forma resumida, o JACC apresenta o foco da sua ação, conseguindo perceber-se a diversidade da mesma, assumindo funções culturais demonstradas do amplo âmbito das atividades da Jazz ao Centro Clube. No programa artístico são avançados alguns pontos convergentes com os objetivos do JACC. O programa fundamenta-se diretamente na *Agenda 21 da Cultura*, documento elaborado na cidade de Bilbao, em a março de 2015, onde se reuniram representantes de cidades e governos locais de todo o mundo, convocados pela organização mundial *Cidades e Governos Locais Unidos* (CGLU) para a Cimeira da Cultura. Resulta da agenda o objetivo de *promover a integralidade da relação entre a cidadania, a cultural e o desenvolvimento sustentável* (Agenda 21 da Cultura) unindo esforços, no quadro internacional, para que sejam possíveis de concretizar. A agenda tem em vista a necessidade de fortalecer o laço das comunidades com o poder autárquico local, demonstrando o papel prioritário da criação de políticas de cidadãos para cidadãos. O JACC refere, assumidamente, os seguintes pontos presentes no documento, que ao longo dos últimos anos se demonstraram centrais para o projeto:

A cultura constrói-se a partir dos valores, crenças, línguas, conhecimentos, artes e sabedorias, que permitem que uma pessoa, individual ou coletivamente, expresse a sua humanidade e o sentido que dá à sua vida e ao seu desenvolvimento.

A cultura é um bem comum que amplia a capacidade de cada pessoa para que ela crie o seu próprio futuro. Todas as pessoas fazem parte da cultura e participam na sua elaboração. A cultura é um processo que permite perceber, interpretar e transformar a realidade.

Os direitos culturais garantem que qualquer pessoa possa aceder aos recursos culturais de que necessita para viver livremente o seu processo de identificação cultural ao longo de toda a vida, bem como a capacidade para participar nas culturas existentes e dar-lhes uma nova forma.

A cidadania cultural envolve direitos, liberdades e responsabilidades. O acesso e a participação no universo cultural e simbólico em qualquer momento da vida constituem fatores essenciais para o desenvolvimento das capacidades sensoriais, de expressão, de escolha, e do pensamento crítico, que permitem a construção da cidadania e da paz nas nossas sociedades.

A democracia cultural constitui um dos elementos centrais da cidadania ativa, na medida em que promove a participação e o diálogo.

O território é uma construção social, fruto da interação histórica dos grupos humanos no seu processo de apropriação e transformação da natureza. Reflete a história, a identidade e os valores da população que nele habita. O conceito de território pode incorporar uma dimensão cultural que se torna essencial para a qualidade de vida dos seus habitantes. Na medida em que a ordenação do território e o planeamento urbano reconhecem, inventariam e valorizam os recursos naturais e culturais, harmonizando-os com as aspirações futuras de uma sociedade, estes serão atos culturais.

Os bens e serviços culturais não são mercadorias como as outras, na medida em que incorporam significados e identidade. Os artistas, as organizações e instituições culturais têm um papel central no desenvolvimento das cidades sustentáveis. Reduzir a cultura ao valor económico das suas expressões limita ou anula a sua dimensão enquanto bem comum e, portanto, a sua capacidade de transformação. (Programa Artístico JACC 2020/2021; pg. 4; in Agenda 21 da Cultura)

A citação no documento de programação artística do Jazz ao Centro Clube e da Agenda 21 da Cultura demonstram a sinergia e convergência teórica que, como veremos, fundamenta bastantes dos projetos desenvolvidos pelo JACC. A importância da livre expressão cultural e artística, de diferentes dialetos, conhecimentos e experiências como demonstração individual e coletiva de humanidade, é premissa para concretizar ideias como a de democracia cultural. Fundamentam a importância do livre acesso à cultura, a valorização do território na sua totalidade tendo uma definição flexível de cultura, reconhecendo todo o espectro intangível, não estando tudo o que representa amarrado a um valor económico limitador do seu real valor comunitário.



Salão Brazil | Fail Better! | 19 de Outubro de 2012

Antes de avançar para uma reflexão um pouco mais teórica, é necessário referir que desde 2003 o JACC tem vindo a formar uma equipa que assegura a programação, produção e planeamento das atividades e projetos. Sendo uma associação sem fins lucrativos, é liderada por José Miguel Pereira, presidente da direção mesma. Nascido em 1979, tem vindo a desenvolver projetos artísticos como contrabaixista, sendo que desde 2009 se tem dedicado inteiramente à música improvisada. A participação em diversos workshops e a oportunidade de cruzar experiências com nomes importantes do jazz internacional, como Evan Parker e Lawrence Morris, William Parker, Daniel Levin, Jason Hwang e Paulo Curado, permitiram consolidar conhecimentos musicais que o artista assume que se distanciam da dimensão académica, criando a sua linguagem própria no contrabaixo. Apresentou as suas obras em festivais nacionais e internacionais, como o *Cork Guinness Jazz Festival* em Cork, Irlanda, ou o *Out.Fest* (Barreiro), *Portalegre Jazz Fest* (Portalegre), *Encontros Internacionais de Jazz* (Coimbra), entre outros. Acrescento ainda a referência a duas obras do artista, o trabalho desenvolvido pelo *Open Field Trio*

em colaboração com o pianista Burton Greene e ainda o quinteto *Fail Better!* editado pela JACC Records. O José Miguel Pereira assumiu a presidência do JACC em 2012, sucedendo a Pedro Rocha Santos, fundador e principal impulsionador do Jazz ao Centro Clube desde a sua formação.

A direção artística do atual presidente, assim como a programação e curadoria, desde bem cedo se demonstra proeminente na construção de projetos, de parcerias e de colaborações. Fruto da minha experiência, posso assegurar que o papel e contributo do José Pereira é central para a associação, estando presente em todos os momentos do Salão Brazil, da programação do JACC, do Serviço Educativo JACC, assim como em todos os diversos projetos e festivais desenvolvidos como o *Dar a Ouvir*, *Sons da Cidade*, *XJAZZ* ou *Fora dos Eixos*. A função associada ao presidente da associação é a de *Coordenação Geral e Direção Artística*. No entanto, todo o trabalho desenvolvido é feito em equipa. À direção artística, acrescenta-se a *Direção de Produção*, a cargo de Adriana Ávila, vice-presidente da associação. O contributo e coordenação de produção da Adriana é fundamental para todas as atividades que acontecem semanalmente no Salão Brazil, assim como para a produção de diversos projetos em cima referidos, assegurando um suporte administrativo interno. Esta gestão, envolve a pré-produção dos eventos assim como a produção dos próprios eventos.

A pré-produção envolve atividades decorrem de acordo com as regras legais, nomeadamente licenças para a realização dos eventos; mas também o contacto prévio com os artistas para identificar as necessidades técnicas, logísticas e de hospitalidade associadas à realização de um evento. A produção no dia do evento visa garantir todas as condições definidas durante o período de pré-produção, estando ainda a cargo da Adriana Ávila a bilheteira, assim como a organização dos dados úteis para a pós-produção do evento, como o relatório de bilheteira e de audiência. A equipa de produção do Salão Brazil assegura ainda as condições que permitem a funcionalidade da sede. As condições técnicas são asseguradas em parceria com o departamento técnico da equipa do Salão Brazil (a detalhar de seguida). As condições de hospitalidade são asseguradas por uma pessoa contratada para a higienização dos quartos e a confeção da alimentação do Salão Brazil. A equipa de produção é composta por um terceiro elemento que é responsável pelo funcionamento do bar. Consoante a lotação do evento, é por vezes necessário o reforço da equipa.

A organização da equipa permite que o Salão Brazil funcione de forma ordenada com todos os setores a assumir uma responsabilidade, colaborando entre si para a realização dos diversos eventos. Neste campo, o contributo da Adriana é extremamente valioso pois cabe-lhe organizar toda a informação útil, distribuindo-a pelas diversas secções para que estas possam realizar as suas funções. Na equipa de produção, há um alargamento de recursos humanos, em consequência das parcerias do JACC com a Universidade de Coimbra, e com o Instituto do Emprego e Formação Profissional, para o acolhimento de estágios curriculares e estágios profissionais.

O responsável pela *Direção Técnica* é João Miranda, engenheiro de som, com vasta experiência a realizar apoio técnico de som. Professor no Instituto Politécnico de Portalegre, acrescenta aos seus conhecimentos especializados, permitindo que os espetáculos sejam realizados com todas as condições técnicas e com uma sonoridade feita por alguém que conhece o espaço e que sabe adaptar cada projeto ao mesmo. A coordenação técnica envolve funções na pré-produção que requerem uma análise de cada projeto que atue no Salão Brazil, assegurando todas as condições necessárias à sua realização. A manutenção e organização do material envolve este departamento, tendo como objetivo um progressivo melhoramento das condições técnicas do espaço, mas, em simultâneo, tendo também a preocupação com a ampliação dos recursos técnicos tendo em vista a possibilidade de realização de eventos e projetos fora de portas, promovidos pelo Salão Brazil e pelo Jazz ao Centro Clube. Nesta dimensão, encontramos o apoio de mais recursos humanos mobilizados através dos mecanismos de integração de jovens estagiários da Universidade de Coimbra ou licenciados/mestres inscritos no IIEFP.

O *Conselho Artístico e Editorial* teve como figuras principais Rui Eduardo Paes, Manuel Marques Pissarro e Nuno Loureiro. Este Conselho dedica-se exclusivamente à *Jazz.pt*, revista bimestral de jazz que iniciou a sua atividade em 2005 com edições físicas e que de momento edita apenas em formato digital. Rui Eduardo Paes, editor proeminente na revista, saiu recentemente para abraçar um novo desafio promovido pela Antena 3, o *Rimas e Batidas*. O trabalho desenvolvido pela revista tem sido diferenciado a nível nacional, tendo resultado já na revelação de diversos prodígios do jazz nacional, incluindo a promoção e realização de obras discográficas através desta plataforma. Exemplos como Diogo Alexandre ou Cíntia, ilustram a aposta nos jovens emergentes neste género musical.

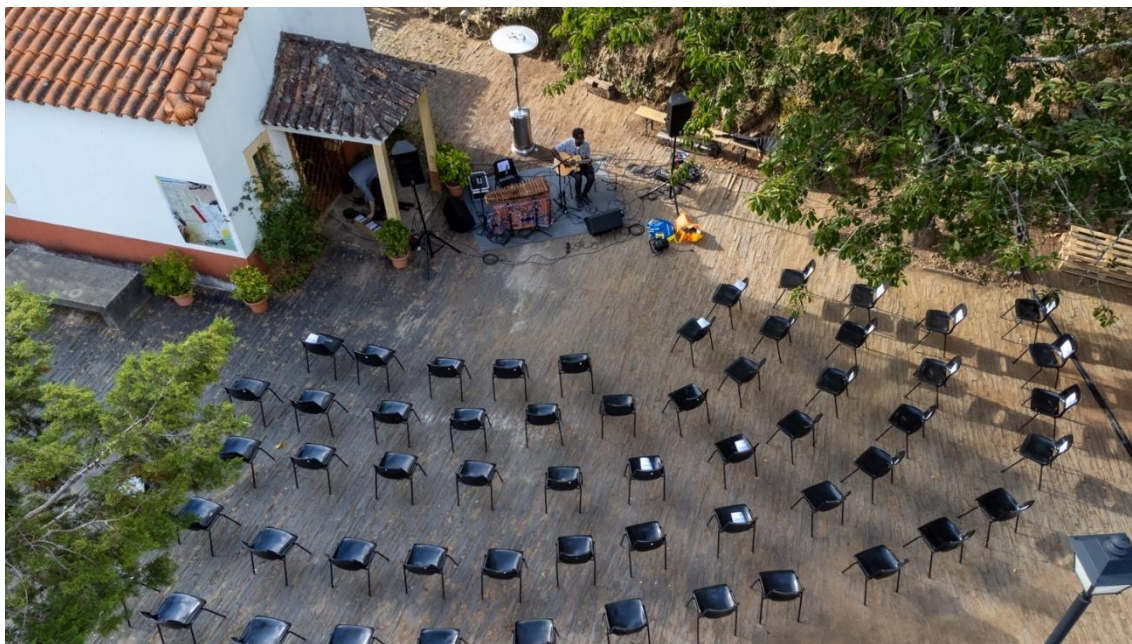
A esta equipa associam-se ainda duas outras áreas de trabalho: a do design e a da fotografia. A primeira é a da responsabilidade de Joana Monteiro, designer que tem vindo a desenvolver diversos projetos na cidade de Coimbra, dedicando ainda parte do seu tempo à atividade artística, criando peças para expor em nome próprio ou em colaboração com outros artistas. A fotografia, está a cargo de João Duarte, fotógrafo conceituado que recentemente editou um livro, associado aos concertos que acompanhou, tendo várias peças em exposição no Convento de São Francisco. O fotógrafo acompanha de perto a programação do Salão Brazil, sendo parceiro fundamental na documentação de todos os projetos que desenvolvem a associação, tendo um papel preponderante na imagem e comunicação da associação. Este contributo é extremamente relevante, até para o presente relatório. A documentação produzida por este setor permite que as atividades sejam registadas, muitas vezes mesmo em contextos sem audiência, como residências artísticas, workshops, entre outros, permitindo um olhar mais próximo sobre os projetos que são realizados.

Para concluir a descrição da equipa envolvida na organização do JACC e do Salão Brazil, é necessário as parcerias estabelecidas pela associação com a Universidade de Coimbra e com o IEFP. A parceria com a Universidade de Coimbra permite a realização de estágios curriculares, integrando estudantes na equipa do JACC pelo período máximo de 6 meses e, proporcionando-lhes uma experiência formativa em contexto de trabalho. Desempenham diversas funções associadas à pré-produção e produção dos eventos realizados no Salão Brazil. Integram a equipa de produção, assumindo funções de bilheteira, de hospitalidade e de gestão das redes sociais da associação. Durante o período em que integrei este programa IEFP em parceria com o JACC, colaborei com diversas pessoas, estagiários que assumiram diversas funções de produção e que contribuíram para a realização com sucesso da totalidade dos eventos em que estive envolvido. A parceria com o IEFP destina-se à integração de jovens licenciados na equipa do JACC, integrando o departamento técnico, em que a associação promove a integração de mão-de-obra qualificada na dimensão técnica, com um contacto real com a realização de espetáculos, preparação e organização de material técnico, manutenção do mesmo e acompanhamento de todas as circunstâncias que envolvem a pré-produção dos eventos. Foi neste quadro que integrei a equipa do JACC, à qual durante o período de estágio dividi funções relativas à pré-produção dos espetáculos, produção e pós-produção dos mesmos com uma estagiária no âmbito do programa de apoio do IEFP referido anteriormente. Este

trabalho foi sempre desenvolvido sob a coordenação da Adriana Ávila que tem um grande conhecimento acumulado ao longo dos anos de trabalho na associação, integrando e garantindo a formação dos estagiários no desempenho das diversas funções. Durante este período de tempo, tive ainda oportunidade de acompanhar de forma próxima o projeto *Fora dos Eixos 2021*, no *PLANALTO* e no *XJazz*, que será descrito posteriormente. Sendo que no último, assumi em diversos momentos a produção dos espetáculos em parceria com Rafael Silva, operador e técnico de som que já esteve associado ao Jazz ao Centro Clube e que em certos momentos, mantém a colaboração com o mesmo.



Bill Frisell Trio, Bill Frisell Trio, com Thomas Morgan e Rudy Royston | 17 juho 2021, em Janeiro de Cima | Fotografia: João Duarte



Xjazz | Kimi Djabaté em Cerdeira, Lousã | Fotografia: João Duarte

A organização da associação Jazz ao Centro Clube, assim como o seu percurso, demonstram um rumo a uma profissionalização progressiva, ponderada e capaz de sedimentar a base fundamental da associação. Desde a criação do Festival, a atividade do JACC alargou-se para diversas dimensões, desde a dimensão da edição discográfica, à dimensão editorial, a dimensão formativa e de investigação. Todas estas dimensões foram acompanhadas de um progressivo investimento nos recursos humanos da associação, também com o suporte de programas de apoio governamental e universitário com vista a inclusão de jovens licenciados/mestres no mercado de trabalho. A ramificação das funções desenvolvidos pelo JACC são fundamentais para a sua exequibilidade. A sobreposição de diversos projetos acontece em alguns momentos, o que faz com que a associação tenha sempre colaboradores e profissionais que salvaguardam as questões de produção e de dimensão técnica dos eventos.

A partir de 2022, a intenção será aumentar os recursos humanos de forma a salvaguardar a multiplicidade de projetos desenvolvidos pelo JACC, tentando de alguma forma, estabilizar a agenda anual da associação, tentando sempre perceber que tipos de projetos podem ser estimulantes artisticamente e socialmente para a região de Coimbra e para todo o território nacional.

Após a descrição do JACC de forma um pouco mais detalhada, avanço para a reflexão teórica proposta pelo presente relatório de estágio. A Reflexão proposta baseia-se na discussão de dois conceitos centrais, tendo uma breve análise de conceitos que circunscrevem e que se relacionam diretamente com os conceitos de arte participativa e de democracia cultural. O seguinte tópico será analisado com os contributos João Teixeira Lopes e de François Matarasso, que se debruçam sobre estes conceitos assim como alguns conceitos adjacentes, mas o ponto fundamental da discussão proposta é precisamente os ângulos aos quais olhamos para estes conceitos, tentando perceber se realmente se distinguem no meio conceptual mas tentando analisar que tipo de contributo promovem no âmbito da produção de cultura de um determinado local. Neste caso, o objetivo será partir dos conceitos avançados para posteriormente tentar descrever operacionalizações dos mesmos desenvolvidos pelo Jazz ao Centro Clube através das suas atividades e projetos.

Proponho, num primeiro momento, uma reflexão sobre o conceito de democracia cultural e, num segundo momento, uma abordagem ao conceito de arte participativa. Para a reflexão inicial, é necessário diferenciar o modelo hierarquizado de cultura para de seguida analisar o conceito de democracia cultural, o JACC assume como um rumo a seguir. A distinção torna-se estritamente necessária como avança João Teixeira Lopes no artigo, *Da democratização da Cultura a um conceito e prática alternativos de Democracia Cultural*:

Não raras vezes, democratização e democracia cultural surgem como sinónimos quando, na verdade, apresentam perspectivas díspares e, em certo sentido, até opostas, de política cultural (Lopes, 2009; pg. 3)

O autor avança que a confusão entre os dois conceitos acontece de forma regular, com estes a serem, por norma, considerados como sinónimos, embora a sua génese seja totalmente oposta. O autor considera que o conceito de democratização cultural se fundamenta num modelo hierarquizado de cultura, que divide a cultura em três grandes segmentos, *Cultura Erudita; Cultura de Massas; Cultura Popular*, (Lopes, 2009; pg. 4) O autor avança que o modelo hierarquizado de cultura se pode caracterizar através de quatro dimensões fundamentais.

Na primeira, uma concepção *Descendente* da transmissão cultural, o autor estabelece o ponto de um núcleo minimalista, elitista de indivíduos com conhecimento que transmitem os conhecimentos culturais através de uma disseminação do centro para as zonas periféricas, não tendo qualquer objetivo em conectar-se com o que circunda a narrativa defendida. (Lopes, 2009; pg. 4)

De seguida o autor refere a concepção *paternalista* da política cultural em que avança:

Assente, antes de mais, na ideia de que urge «elevar o nível cultural das massas», tidas como beneficiárias do afã civilizador e apreendidas como consumidoras mais ou menos passivas e não enquanto receptoras, isto é, prestes a sucumbir ao arrepio do contacto inefável e aurático com a Grande Obra de Arte, mas incapazes de a reinterpretarem e de a integrarem, com novos e inusitados sentidos, numa história de vida pessoal e social; (Lopes, 2009; pg. 4)

Neste ponto, retiramos a reflexão destinada ao papel da cultura das massas e da tentativa de condicionar a direção da mesma, demonstrando estruturalmente o conservadorismo presente no ângulo em que se promove, investe e programa cultura dentro do modelo hierarquizado referido. Com esta especificação, o autor tenta mostrar as diferentes abordagens tendo em vista a democratização cultural e o seu modelo hierarquizado.

Num terceiro ponto, o autor avança a concepção fortemente *hierarquizada* pela tricotomia avançada anteriormente, da cultura erudita, cultura de massas e cultura popular. Esta segmentação demonstra uma clara distinção entre a cultura erudita e as outras, a única que neste modelo, é reconhecida pelo seu valor patrimonial.

Num quarto ponto, o autor enuncia a concepção *arbitrária* de cultura, que define o que é ou não é cultura e arte, mostrando uma permanente inflexibilidade relativamente à mudança, à aceitação de pluralidade de culturas, conhecimentos, visões artísticas limitando-a às narrativas impostas hierarquicamente. Este ponto é fundamental, pois representa uma visão totalmente distinta da subjacente ao conceito de democracia cultural, em que a diversidade cultural é ponto central para a existência de uma cultura livre de amarras ideológicas, conceptuais, que se observam claramente no modelo hierarquizado de cultura, alvo da crítica estruturada do autor, que avança o seguinte:

Concepção arbitrária do que ou não é cultura, subtraindo a sua delimitação à configuração conflitual que lhe está subjacente, o que implica, necessariamente, ainda que por meios dissimulados, isto é, não explicitamente declarados, a economia da compreensão do conjunto de (dis)posições sociais em relação, negando, por conseguinte, qualquer abertura à diversidade; (Lopes, 2009; pg. 4)

É neste momento que o autor avança, em complemento às quatro dimensões anteriores. A quinta refere-se a uma concepção *essencialista* das audiências, que se distanciam de qualquer conceito que assuma um público destinado à cultura, ou seja, distante de um conceito de público que se possa tornar ativo, em que possa existir um envolvimento direto com a comunidade e em que esta também participe. Algo que irei abordar de forma direta com o conceito de arte participativa e de arte comunitária, mas que o modelo hierarquizado de cultura tem dificuldade em reconhecer. O autor avança o seguinte:

Concepção essencialista das audiências, jamais como públicos da cultura – porque isso implicaria a consideração de plurais modos de relação com a cultura instituída –, mas, preferencialmente, como «povo» ou «Nação», conceitos atemporais e intemporais, intimamente associados a uma determinada natureza apta a procurar a integração social e societal através da mediação transcendental da Arte; (Lopes, 2009; pg. 4)

A última dimensão dá conta de uma concepção *liquidatária* do indivíduo como agente que é condicionado a tomar uma posição, sendo esta perçivelmente limitada por todos os pontos referidos anteriormente. O autor avança o seguinte:

Concepção liquidatária do indivíduo enquanto agente que, dentro de um campo estruturado de possíveis, tem o poder de optar pela dissidência em vez da convergência, pelos sentidos múltiplos em vez do sentido único. (Lopes, 2009; pg. 4)

O autor tem com intenção dar conta das concepções ideológicas e políticas que influenciam diretamente a ação cultural e que são fruto desta concepção hierarquizada de cultura. Abordagens, que como Lopes (2009, pg. 4) refere:

Ora, cedo a sociologia - teria de ser a sociologia- apercebe-se das profundas limitações desta majestática política cultural, desiludindo os mais ingénuos e minando o caminho aos cínicos.

Neste momento é necessário referir um autor incontornável nesta discussão, Pierre Bourdieu. Segundo J. T. Lopes, Bourdieu lança em 1963, em parceria com Alain Darbel e Dominique Schnapper, a obra *L'amour de l'art* na qual avançava reflexões sobre o problema da distinção entre valor económico e valor simbólico, referindo especificamente que os obstáculos e as condicionantes do acesso à cultura teriam uma génese simbólica e não material. Lopes avança sobre as reflexões de Bourdieu, referenciando também os contributos de Nathalie Heinich na sua obra *Sociologia de l'art: avec e sans Bourdieu* (2002).

A ênfase que Bourdieu e a sua equipa colocam no capital cultural, chama a atenção para uma economia dos bens simbólicos, não redutíveis a valores de mercadoria e adquiridos, antes de tudo, por um sistema de disposições que requer precoce e durável processo de socialização/interiorização/incorporação.

Através do conceito de campo e de habitus, posteriormente desenvolvidos, torna-se possível compreender o falhanço prático e real da democratização cultural: as barreiras à entrada da alta cultura derivam “não tanto de um défice de meios financeiros, nem mesmo, por vezes, de conhecimentos, mas, antes de tudo, da falta de vontade e de familiaridade, a consciência difusa de «não estar no seu lugar», que se manifesta nas posturas do corpo, na aparência indumentária, na maneira de falar ou de se deslocar” (Nathalie Heinich, 2002; apud Lopes, 2009; pg. 6).

Após esta breve análise do modelo hierarquizado de cultura e da perspectiva de democratização cultural que lhe está associada, é fundamental analisar as suas alternativas. Lopes (2009; pg. 6) aponta a reflexão avançada por J. C. Crevoisier em *Des pratiques socio-culturelles à une politique de l'animation* (1979) em que o autor refere:

Não se deve restringir a cultura ao património artístico, dando-o como «alimento» à sociedade de consumo, mas sim reconhecer-lhe uma acepção bastante mais larga que, sem excluir o património artístico, encare a cultura como um processo criador contínuo que não é apenas fruto do trabalho dos artistas, mas de todos os grupos culturais. (J. C. Crevoisier)

João Teixeira Lopes aponta dois obstáculos a uma efetiva democracia cultural, a tendência para o *populismo* que se associa à transferência de poder para técnicos, benévolos ou ativistas que se apropriam da fala, obtendo o privilégio de falarem em nome

do povo. O autor refere ainda o papel do povo que é também protagonista do modelo hierarquizado de cultura que o encara como “*um receptáculo harmonioso, desejoso, passivo e neutro perante o encontro mágico com as grandes obras do Espírito*”. O segundo obstáculo avançado centra-se na legitimidade cultural, pois ao aceitar uma democracia semiótica perdem-se referenciais ou padrões de qualidade. Aqui, surge a reflexão sobre o que é a qualidade? De que forma é possível quantificar o que é válido como algo com qualidade ou não-qualidade, pois o papel da democracia cultural deverá ser a aceitação horizontal de todos os públicos e de todas as práticas culturais e artísticas, no entanto, em permanente conflito. Lopes (2009; pg. 9) avança o seguinte:

Só há democracia cultural na dignificação social, política e ontológica de todas as linguagens e formas de expressão cultural e na abertura de repertórios e de campos de possíveis, condição sine qua non para a expressão e escolha livres. Tal não significa abdicar de critérios de qualidade, mas tem como subjacente o questionamento do carácter universal desses critérios, bem como a explicitação da sua construção intersubjectiva, provisória e necessariamente conflitual.

Torna-se então obrigatório avançar uma reflexão sobre um possível conceito de democracia cultural que se enquadre integrada nas reflexões avançadas, Lopes avança na identificação das dimensões fundamentais do conceito que considera fundamental para uma análise da ação política, social e cultural comunitária. Num primeiro ponto recusa o conceito de cultura como:

‘Ornamento de espírito, sinal de distinção social, modo de supremacia dos iniciados sobre os demais, dotado de linguagens reservadas e de ritos particulares que excluem aqueles que os ignoram’. (Croivosier, 1979) A negação peremptória, enfim, dos usos hierarquizados e hierarquizantes, classificatórios e estigmatizantes da cultura como violência simbólica ou forma de infligir sofrimento, infelicidade e humilhação a outros sujeitos sociais. (Lopes, 2009; pg. 9)

Contrapondo diretamente com a valorização dos direitos humanos, demonstrando uma recusa para momentos em que o sofrimento, a infelicidade e humilhação são tolerados e influenciam a vida de outros sujeitos sociais.

Num segundo ponto, o autor refere que a democracia cultural tem na sua génese a afirmação do direito à cultura, tanto individual como coletivo, fundamentado por uma

conceção de serviço público centrado na própria ideia de liberdade. (Lopes, 2009; pg. 9) Como referido anteriormente, o autor defende que apenas existirá democracia cultural se esta se revelar na dignificação social, política e ontológica de todas as linguagens e formas de expressão cultural, tendo como abordagem a abertura de todos os repertórios e campos possíveis rumando a uma expressão cultural e social livre.

Num terceiro ponto o autor avança a reflexão sobre a produção de obras, quem são os seus criadores, de que forma chegam à população e qual é o papel da mesma. Lopes refere o artigo de José Madureira Pinto, *Uma reflexão sobre políticas culturais* para afirmar que a produção cultural visa:

Propiciar a segmentos populacionais vastos, sobretudo das camadas populares, o contacto com as formas culturais mais exigentes em termos dos instrumentos estéticos cognitivos necessários à sua descodificação e fruição (alargamento de públicos), procurando, de forma tão sistemática quanto possível, que a recepção da obra se prolongue em aproximação empática ao acto criador (participação) e que esta última promova a prazo uma intervenção autónoma e auto-enriquecedora ao nível da criação (democratização da esfera da produção cultural). (Pinto, 1994; apud Lopes, 2009; pg. 9)

Este último ponto apresenta-se como premissa para o quarto ponto apresentado pelo autor e que foca a formação de públicos como prioridade na génese da democracia cultural. Lopes manifesta a sua recusa, até mesmo destrutiva dos conceitos instaurados, o avançado no misto de um pensamento ideal e real:

Este conceito implica a destruição sistemática do conceito mítico de público, no singular, espécie de comunidade imaginada ao serviço de uma colectividade de práticas rituais, nomeadamente alicerçada na integração e coesão sociais sob o manto diáfano da ideologia dominante. De igual modo, esta proposta de democracia cultural é incompatível com a noção de utente, consumidor ou visitante. Impõe-se, por isso, uma sociologia dos usos e dos modos de relação com a cultura, para desocultar a diversidade na mirífica ficção de igualdade patente na concepção singularizada e homogénea de público – uma espécie de suspensão mágica das desigualdades sociais. (Lopes, 2009; pg. 9)

Neste ponto o autor dedica atenção à pluralidade de culturas e por consequência à pluralidade de modos de relação com obras culturais. Avança a reflexão sobre a relação

das instituições culturais com a comunidade, sublinhando a importância de definir o conceito de público. Lopes apoia-se no contributo de António Firmino da Costa (2004) que descreve esta relação afirmando a sua metamorfose e permanente mutação:

Uma relação das pessoas com as instituições – uma relação de generalidade ou de uma grande parte das populações com as instituições especializadas da modernidade avançada, ou, pelo menos, com certas instituições especializadas das sociedades contemporâneas.

Uma mudança profunda nos modos de relação das pessoas com as instituições (...) que consiste, justamente, numa passagem do estatuto social de leigos ao estatuto social de públicos – isto é, de uma relação mista de distância e subalternização, de alheamento e ignorância, de reverência e desconfiança perante essas instituições, a uma relação com elas de carácter mais complexo, mais próximo, mais informado, mais exigente, mais diversificado. (Firmino, 1994; apud Lopes, 2009; pg. 9)

Percebemos facilmente que o modelo hierarquizado de cultura não dá respostas a muitas das questões levantadas pelo autor, centrais ao conceito de democracia cultural, sendo inevitável a reflexão sobre a arte participativa como contributo construtivo para o modelo de democracia cultural.

João Teixeira Lopes fala de uma questão que cada vez mais se tem tornado uma prioridade e que as consequências da pandemia COVID-19 puseram a nu, as dificuldades e constrangimentos que os profissionais do universo da cultura enfrentam não só na valorização económica e monetária da sua carreira e percurso, mas também simbólica do seu trabalho, mas também a conquista de segurança e estabilidade no trabalho, marcado pela precariedade. Lopes avança a necessidade de invenção de uma nova dimensão profissional, esta, que catalisada pelas condições agravadas pela pandemia, traduzindo-se no Decreto-Lei n.º 105/2021 que visa proteger os profissionais das artes do espetáculo, do audiovisual, das artes visuais e da criação literária que exerçam atividades autorais, artísticas, técnicas ou de mediação cultural. O diploma avança o seguinte:

De forma a abranger todas as relações de trabalho que se estabelecem no âmbito do setor da cultura, bem como o respetivo regime de proteção social, o Estatuto encontra-se dividido em três partes essenciais: (i) o registo dos profissionais da área da cultura

(RPAC), (ii) o regime de contrato de trabalho e de prestação de serviço; e (iii) o regime de proteção social.

Em primeiro lugar, o RPAC tem por finalidade, não só a identificação individual dos profissionais da área da cultura, mas também a estruturação e identificação estatística do setor da cultura para posterior definição de políticas públicas de valorização profissional e técnica, apoios e outros benefícios públicos. Apesar de o registo ser de inscrição facultativa, apenas os inscritos beneficiam da aplicação do regime contributivo especial previsto no Estatuto.

Em segundo lugar, e com o objetivo de ser amplo e abrangente, o Estatuto regula as diversas modalidades de prestação de atividade cultural, incluindo quer o contrato de trabalho, quer o contrato de prestação de serviços.’

Apesar da legitimação legal, o caminho é longo e as preocupações que Lopes avança permanecem, o caminho percorrido ainda é curto quando o objetivo é a familiarização com as obras através de uma nova cultura organizacional, capaz de valorizar o respeito pelas diversas apropriações e usos de espaços e equipamentos culturais. O autor refere ainda que tudo isto deve ser alcançado através de múltiplas interpretações e pontos de vista em relação às obras e à sua relação com os públicos no seu conceito amplo, podendo ter diversos tipos de intervenção.

Num último ponto, o autor avança a obrigatoriedade de exercitar a imaginação metodológica no estudo dos públicos, não só pelos possíveis resultados de interesse sociológico que possam vir a ser alcançados, mas também por se poderem tornar numa ferramenta de decisão válida e representativa da comunidade e da cultura que a circunscreve.

De uma forma sintética, as reflexões avançadas por Lopes reforçam o contraste entre o modelo hierarquizado de cultura e a ideia de democracia cultural que está subjacente às políticas culturais nele inspiradas e o conceito, alternativo de democracia cultural. Esta pressupõe a quebra de barreiras entre níveis culturais e constrói em parceria com a comunidade. É com base nesta reflexão que entendo que há diversos projetos do Jazz ao Centro Clube que se aproximam do rumo proposto no conceito de democracia cultural, agindo diretamente sobre as preocupações levantadas por Lopes acerca do modelo hierarquizado, caracterizado e criticado anteriormente.

Em acréscimo ao conceito de democracia cultural, abordarei ainda o conceito de arte participativa com vista a, no momento seguinte, analisar alguns dos projetos desenvolvidos pelo JACC e a sua relação com os conceitos referidos. Assim será possível apresentar a atividade que a associação tem desenvolvido ao longo dos últimos 19 anos tentando descrever o papel que tem na comunidade e qual o contributo avançado pelos projetos realizados inserido no espectro teórico descrito.

A reflexão que proponho surge da abordagem desenvolvida na obra *Uma Arte Irrequieta, Reflexões sobre o triunfo e importância da prática participativa*, de François Matarasso, traduzido em português por Isabel Lucena. Nesta obra o autor abre a discussão sobre o conceito de arte participativa e a forma como esta se pode tornar num caminho alternativo ao modo convencional de produção e criação de obras artísticas, desenvolvendo laços incontornáveis com as diversas comunidades com que se relaciona. Matarasso avança a seguinte breve definição sobre arte participativa:

Arte participativa é a criação de um trabalho artístico por artistas profissionais com artistas não-profissionais. (Matarasso, 2019; pg. 61)

O autor assume a limitação da definição, para tal acrescentando diversas atividades ilustrativas: a educação musical, a mediação cultural em museus e galerias, o teatro aplicado, projetos que usam a arte para instigar a mudança social, o ativismo artístico, arte e saúde, carnaval, festivais e a própria arte comunitária.

No entanto, o autor refere que é necessária uma desvalorização a distinção entre arte participativa e arte comunitária, distinção complexa que gera discussão, inclusive confusão por diversos autores e fazendo sentido abordar de um ponto de vista reflexivo. A distinção depara-se por argumentos simples mas densos, pois a arte participativa reforça o ato de aderir a algo, o que implica a existência de algo previamente estabelecido para que seja possível essa adesão e participação; num polo próximo mas que se distingue, a arte comunitária sugere algo que não está previamente estabelecido, e que é criado fruto de um esforço horizontal, promovendo que esta ação deve ser feita de forma partilhada, representando e dando a voz a artistas não profissionais partindo da premissa de uma posição igual entre artistas.

O autor detalha o conceito de arte participativa, referindo que esta envolve a criação de um trabalho artístico. Se a criação de uma obra não existisse, estaríamos a falar

de um projeto de educação artística ou de desenvolvimento social. O trabalho artístico envolve uma estrutura de valor, ideias e referências, aplicação de conhecimentos e mestria, uma duração temporal determinada e alguma forma de apresentação. Estas características encontram-se presentes na gênese das obras criadas sob a alça do conceito avançado e é nesta reflexão que o autor avança com uma ideia fundamental:

A criação é independente da qualidade. O trabalho artístico pode ser tocante ou banal, ambicioso ou modesto, sofisticado ou simples, original ou derivado; pode ser temporário, performativo ou em progresso; pode suscitar admiração ou indiferença; e pode não ter sucesso, mesmo nos seus próprios termos. Mas há uma diferença de tipo entre o mais enfadonho trabalho artístico e o mais inspirador projeto comunitário ou educacional. Estes últimos podem ser preferíveis ao trabalho artístico, mas seria uma escolha entre coisas diferentes. Parte da diferença de tipo existente entre aprender sobre arte e criá-la, reside no poder conferido por cada uma das atividades. De formas diferentes, ambas nos permitem descobrir, processar, compreender, organizar e partilhar a nossa experiência. Mas ao criar arte estamos a dar existência a algo e, ao fazê-lo, mudamos o mundo. (Matarasso, 2019; pg. 62)

Aqui o autor avança que o papel de um projeto que independentemente da sua gênese, alcance uma dimensão comunitária ou educacional, pode ganhar um valor inspirador. Acrescento uma observação: a liberdade artística é não só válida como valiosa por si só. A afirmação do autor mostra que aquando da criação de uma obra são múltiplas as abordagens ou os rumos a seguir, sendo que os projetos que cruzam dinâmicas educacionais ou comunitárias representam um valor que ultrapassa o da mera obra artística, reforçando o valor simbólico da obra. Esta observação surge de exemplos que observei no Jazz ao Centro Clube, como o projeto *PLANALTO*. Neste projeto existiu um cruzamento entre a dimensão artística e a dimensão educacional: o artista convidado fez diversas sessões de formação sobre produção musical e breves técnicas de composição musical digital com jovens entre os 14 e os 17 anos de um bairro periférico da cidade de Coimbra; mas o seu culminar envolveu um concerto inserido na programação do *Fora dos Eixos*, no qual Frankão convidou os jovens que participaram nas formações e acompanharam, a convite do artista, na sua performance. O concerto aconteceu num local central da comunidade, com grande adesão desta que manifestou o notório apoio e suporte durante todo o evento. Este laço com a comunidade resultou não apenas no final do

projeto, mas ao longo do seu planeamento e desenvolvimento cuja proposta foi do Serviço Educativo JACC, mas em parceria com o projeto *Codigatómiko*, com a associação *Trampolim E8G* e ainda com o apoio da *Cáritas Diocesana de Coimbra* que disponibilizou as instalações para as sessões no *Centro Comunitário de São José*, localizado no Bairro do Ingote.

Este conceito torna-se fundamental para a reflexão que proponho. Os contributos avançados por Matarasso são um sólido ponto de partida para a abertura da discussão sobre a temática. A distinção que avança entre arte participativa e arte comunitária é extremamente válida, apesar de assumidamente referir que não utiliza nenhuma das definições. Como tal, é necessário analisar o conceito avançado pelo sobre arte comunitária e, a forma como se distingue da arte participativa.

O conceito de arte comunitária enraíza-se no de arte participativa. No entanto, a sua definição aproxima-se de valores diretamente interligados com os direitos humanos exigindo-se uma definição mais densa do que a de arte participativa:

A arte comunitária é a criação de arte como direito humano, por artistas profissionais e não-profissionais, que cooperam entre iguais, para propósitos e com padrões estabelecidos em conjunto, e cujos processos, produtos e resultados não podem ser conhecidos antecipadamente. (Matarasso, 2019; pg. 65)

As raízes do conceito anterior são claras, num primeiro momento o ato de criação de uma obra de arte é intrínseco a esta definição pois diferencia-se de um ato social ou político, o foco é sim a criação de uma obra artística. Sendo que o segundo momento em que a definição se cruza com o conceito anterior é o envolvimento de artistas profissionais e não-profissionais. A arte comunitária demonstra como prioritário a partida de um ponto de igualdade entre os envolvidos que são valorizados pelo que fazem e não pelo que são profissionalmente. O processo conjunto de criação torna-se como peça fundamental no conceito descrito, o autor refere que as consequências da obra podem ser diversas, desde artísticas, sociais, políticas, educacionais etc. No entanto, a sua premissa é meramente artística. As consequências que o autor refere passam para um segundo plano assumindo o papel principal este momento de processo de criação entre artistas ou não artistas, em que eles próprios definem o que é válido ou não como uma obra de arte e que a sua colaboração para a decisão do rumo que a obra terá é parte intrínseca da inclusividade e igualdade da arte comunitária. O autor, nesta definição de arte comunitária, reforça a ideia de que a criação de arte é um direito humano acessível a todas as pessoas assim como

descrito no Artigo 27 da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, sedimentando conceitualmente a relação direta entre a definição avançada e os conceitos de igualdade e inclusividade em todos os momentos do processo criativo.

O segundo momento, é relativo à preocupação de criar algo bom, ou que seja reconhecido como tal, Matarasso defende que qualquer pessoa quando se envolve na criação de obra artística comunitária não tem como objetivo criar algo medíocre ou mau, sejam profissionais ou não. O objetivo será sempre criar algo bom, resultante da discussão e debate em conjunto e da colaboração e cooperação. O valor que os projetos de arte comunitária trazem representam uma expressão artística e cultural que está intrinsecamente conectada com a comunidade que permite dar voz, genuína a quem se envolve na construção desta dimensão artística comunitária. O autor refere ainda que é relevante que os *processos, produtos e resultados não podem ser conhecidos antecipadamente* (Matarasso, 2019; pg. 65), o que demonstra a não existência de amarras premeditadas, partindo da premissa de um processo da criação horizontal, com base na inclusividade e igualdade de posição para a construção de uma obra artística. Em jeito de finalização, o autor avança que a arte comunitária é como o *Jazz improvisado*, não existe nada estabelecido, é um ato de descoberta através da comunicação direta entre os seus intervenientes, Matarasso (2019; pg. 70) descreve que *‘a arte comunitária é exploratória, inovadora, radical e provocatória’*.

A posição do autor relativamente a ambas as definições é clara, num espectro teórico refere que a arte comunitária coloca no centro da sua ação a valorização dos direitos humanos através de uma criação de obras artísticas que promovam posições horizontais durante todo o seu percurso de ação. Enquanto a arte participativa coloca os artistas e a criação de obras como uma relação estabelecida na transmissão de conhecimento e que gera uma obra artística em parceria com pessoas qualificadas na dimensão artística ou não qualificadas. Avanço esta reflexão teórica pois sinto que é importante compreendermos concretamente as definições teóricas que nos permitem analisar projetos realizados e tentar estabelecer relações entre a dimensão ontológica e epistemológica, analisando as suas premissas, processos e resultados.



Biblioteca da Baixa de Coimbra | Serviço Educativo Jazz ao Centro Clube | Fotografia: João Duarte

Após este momento de reflexão teórica, sinto ser necessário avançar para a análise da ação do Jazz ao Centro Clube, nas suas diversas áreas, especificando o contributo do Serviço Educativo JACC, particularmente alguns dos seus projetos. É nesta área de ação que a reflexão sobre arte participativa e arte comunitária é útil, embora a sua distinção seja confusa na tradução para um contexto prático. Alguns dos projetos que vou referir apresentam premissas associadas a um conceito de arte participativa, mas que envolvem diretamente uma dimensão comunitária.

O Serviço Educativo JACC foi criado em 2015 e desenvolve projetos na relação com a comunidade, tendo a premissa da formação e criação como elementos estruturais na sua ação. Desde a sua criação, o SE JACC tem-se mostrado essencial para a articulação entre as diversas áreas de trabalho pela associação. No programa de atividades elaborado pelo JACC para o biénio de 2020/2021, a par da importância na conexão com outras dimensões da associação, são enunciados os objetivos para o Serviço Educativo JACC: *proporcionar a reflexão crítica e o cruzamento da música com temas da atualidade e criar a possibilidade de aproximação e diálogo entre os músicos, os teóricos e os diversos públicos, fomentando simultaneamente a criação própria.* (Programa Artístico JACC

20/21) Através deste ponto, é possível analisar a importância e o foco que o JACC atribui ao desenvolvimento de projetos que promovam a reflexão, o diálogo não só entre os públicos e os músicos, mas também com teóricos e académicos, desenvolvendo a permanente reflexão do cruzamento entre a arte e o social.



PLANALTO | Serviço Educativo - Momento formativo entre um artista (Frankão) e jovens entre os 14-17 anos | Fotografia: João Duarte

A relação com o mundo académico, um ponto fundamental para o JACC evidente na aposta em projetos como *‘Das palavras nascem sons dos sons nascem ideias’* ou *‘Dar a Ouvir. Paisagens Sonoras da Cidade’* que cruzam de forma estreita a investigação académica e as práticas artísticas. Esta aproximação entre estes dois campos é prioridade no Serviço Educativo JACC.

O projeto *Dar a Ouvir* é um exemplo claro de como a associação envolve uma dimensão académica nos projetos que desenvolve no Serviço Educativo JACC. O conceito deste projeto centra-se na escuta da cidade, na análise da sua bruma sonora, refletindo de que forma é possível haver uma abordagem artística, musical ou cultural à investigação académica, que aborda e explora estas dimensões. O projeto envolve reflexões teóricas sobre o urbanismo e a forma que se relaciona com o meio urbano concreto que é a cidade de Coimbra. O projeto focou-se nas paisagens sonoras da cidade,

concretizando-se através de várias performances no Convento de São Francisco assim como instalações artísticas expostas entre 10 de julho e 5 de setembro de 2021.

Entre as várias performances e instalações, destaco uma instalação artística desenvolvida por Francisca Rocha Gonçalves. Investigadora no Porto e em Berlim, possui formação em Ciências Biológicas – Licenciatura em Medicina Veterinária pelo ICBAS na Universidade do Porto e um mestrado em Multimédia - Música Interativa e Design de Som pela Faculdade Economia do Porto, uniu esforços com a Algoteca de Coimbra ACOI, centro de recursos biológicos microbianos, que tem desenvolvido trabalho na dimensão da biodiversidade, criopreservação, biologia molecular e biotecnologia, integrada na Universidade de Coimbra. Uma breve sinopse mostra como revelando as paisagens subaquáticas registadas em diferentes locais, expostas na instalação artística, as algas a uma escala visível são capazes de sensibilizar o público para os potenciais impactos do aumento do ruído e da vibração nos ambientes aquáticos. Questiona-se se a introdução de vibrações e alterações no movimento das partículas, *particle-motion*, poderá ser prejudicial para estes ecossistemas. Foi desenvolvida uma investigação sobre uma espécie de alga presente no Rio Mondego, com a autora a promover uma reflexão sobre a degradação dos ecossistemas através do aumento da poluição sonora em ambientes aquáticos, consequência da evolução tecnológica e do crescimento exponencial da população de Coimbra e do seu centro urbano. Para esta reflexão a autora criou uma instalação sonora e visual com a presença de algumas amostras de algas presentes no Rio Mondego, tendo elas diferentes níveis de poluição associadas. A sua degradação foi contrariada com a implementação de ondas sonoras capazes de reduzir a poluição presente nas diversas algas do estudo realizado. Este exemplo demonstra de forma clara a intenção do JACC de cruzar elementos artísticos com a investigação académica.



Dar a Ouvir. Paisagens Sonoras da cidade | MUNDA - Instalação de Francisca Rocha Gonçalves | Fotografia: João Duarte



Dar a Ouvir. Paisagens Sonoras da cidade | Mobiliário Sonoro 02 de Cristiana Bastos, Pedro Martins e Tiago Martins | Fotografia: João Duarte

Outro projeto desenvolvido pela associação que cruza a dimensão artística com a investigação académica é o *Sons da Cidade*. Desenvolvido em parceria entre a Jazz ao Centro Clube, a Universidade de Coimbra e a Câmara Municipal de Coimbra, teve nova edição em 2022. O objetivo do projeto é celebrar a inscrição da “Universidade de Coimbra, Alta e Sofia” na Lista do Património Mundial da UNESCO através da reflexão e intervenção artística. O programa artístico promove a descoberta de novas leituras da cidade, dialogando com diversos tipos de patrimónios: o edificado, a língua, a música, a imagem, a palavra e o movimento do corpo no espaço-tempo.

Como referido no programa cultural do JACC para o biénio 2020-2021, o conceito do projeto relaciona-se diretamente com a dimensão comunitária *“ligada a um crescente (re)conhecimento do Valor Universal Excepcional do Bem à sua guarda”*. A ideia de “envolvimento comunitário” encontra-se interligada com outro conceito, o de capacitação. O JACC, visa desenvolver formas efetivas de entendimento e implementação da Convenção, assim como os objetivos delineados pela UNESCO no seu cômputo geral. A mais recente edição do projeto decorreu de 14 a 19 de junho de 2022, partiu do conceito de rosto do património edificado e da reflexão sobre o mesmo. A programação do projeto, organizado nesta edição pela Associação de Ruas Recriar, Universidade Alta e Sofia, Universidade de Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra e Direção Regional de Cultura do Centro, e coorganizado pelo Jazz ao Centro Clube, Comissão de Cultura, Património, Cidadania e Desporto; Metro Mondego, Museu Nacional Machado Castro, Património Cultural, Orquestra Clássica do Centro, União de Freguesias de Coimbra e Diocese de Coimbra. Focou a atenção no património edificado, tendo em conta o rosto como personagem principal das reflexões propostas. A multidisciplinariedade dos eventos promovidos pelo projeto foi evidente nesta edição, concertos, exposições, visitas técnicas, visitas guiadas, debates, uma parada e ainda uma visita aberta à obra do Metro Mondego que está neste momento em construção.

A intenção de colocar a comunidade, os artistas e os agentes no centro das atenções, promovendo o contacto com o património edificado da cidade de Coimbra, foi alcançado através da intervenção artística da programação cultural apresentada.



Sons da Cidade | Orquestra Clássica do Centro - Grupo Coral Ad Libitum | Rua da Sofia, Palácio da Justiça | Fotografia: João Duarte



Sons da Cidade | Orquestra Clássica do Centro - Grupo Coral Ad Libitum | Rua da Sofia, Palácio da Justiça | Fotografia: João Duarte



Fora dos Eixos | Mondego: Ensemble Jazz ao Centro | Escola Secundaria José Falcão
Instrumentos e plateia de 150 jovens estudantes | Fotografia: João Duarte



Fora dos Eixos | O Garoto de Charlot, musicado por Marcelo dos Reis
Espaço Cultural UF Souselas e Botão, Souselas | Fotografia: João Miranda



Fora dos Eixos | *OGringo Sou EU* & Convidados | Largo da Amizade, Bairro do Ingote
Fotografia: João Duarte

Capítulo 2 - Caracterização do projeto piloto decorrido entre 27 de agosto e 12 de dezembro 2021



O motivo pelo qual decidi fazer a abordagem a este projeto, foi fruto da minha presença na equipa do JACC durante o período em causa. Neste exerci funções de produção de diversos eventos, acompanhando de forma próxima diversas questões relacionadas com a pré-produção e a própria produção dos eventos. Apesar de não se incluir no âmbito de uma metodologia sociológica, o contributo que pretendo dar através da minha experiência, permite relacionar as atividades desenvolvidas pelo JACC com a reflexão teórica proposta no presente relatório.

O projeto *Fora dos Eixos – Práticas Artísticas de Proximidade* foi apresentado nos meses iniciais de 2019 ao Município de Coimbra, com o objetivo de obter financiamento municipal. Não tendo tido o apoio esperado, foi através do Fundo de Fomento Cultural / Programa Garantir Cultura da Direção Geral das Artes, que o JACC obteve os meios para a realização do projeto. Segue uma breve definição:

“Fora dos eixos: práticas artísticas em contexto de proximidade, é um programa que encontra justificação no (re)conhecimento das fortes clivagens geracionais, territoriais e de detenção de capital cultural, que interferem no acesso às práticas culturais.” (Apresentação breve *Fora dos Eixos*; JACC, 2021; pg. 1)

Na sua génese, o projeto aponta para a descentralização das práticas artísticas para fora do centro urbano, promovendo a sua realização em áreas periféricas da cidade, onde a oferta artística e cultural é precária e o acesso à cultura é mais difícil e regular. O projeto tenta ampliar a oportunidade de contacto com expressões artísticas e de acesso ao conhecimento como um direito fundamental, direcionando a sua ação para a promoção de práticas artísticas de cocriação e o desenvolvimento de obras em colaboração com

entidades e agentes culturais locais. Procura valorizar o património tangível e intangível de diversas zonas geográficas, permitindo uma relação e uma expressão claramente participativa, envolvendo artistas locais, agentes culturais locais, autarquias locais, de forma a promover a expressividade artística e cultural, envolvendo e promovendo a participação da própria comunidade.

O projeto avança dois pontos fundamentais que caracterizam a sua identidade:

“- Um esforço de garantir a amplitude da oferta e a presença de diversas formas culturais, descentralizando a oferta e legitimando a originalidade criativa das periferias, favorecendo os setores sociais vulneráveis, defendendo o direito à cultura e ao conhecimento de todos os cidadãos sem discriminações de nenhum tipo;

- Um convite para criadores e artistas se comprometerem com o concelho (mais amplo do que somente o seu núcleo urbano), identificando temáticas relevantes e ampliando a capacidade criativa e crítica de todos os cidadãos.” (Apresentação breve Fora dos Eixos; JACC, 2021; pg. 1)

A programação artística do projeto abrangeu diversas áreas do campo cultural, direcionando a sua ação para zonas rurais, periféricas do centro urbano e ainda zonas da cidade que não integram o circuito artístico da cidade de Coimbra. Descrevendo concretamente, o *Fora dos Eixos: Prática Artísticas de Proximidade* desenvolveu uma programação que integrou: uma residência artística em Taveiro colaborando com a associação cultural Loucomotiva, cinco cine-concertos nas freguesias de Cernache, Almalaguês, Trouxemil, União de Freguesias de Assafarge e Antanhol, e, ainda, Souselas e Botão: concertos em zonas periféricas da cidade de Coimbra como o Largo da Amizade no Bairro do Ingote, o anfiteatro Calçada do Gato na freguesia de Santo António dos Olivais e o Mercado do Calhabé na travessa dos Combatentes da Grande Guerra; cinco passeios sonoros e de escuta criativa pela região de Coimbra com Luís Antero ao comando da sonoplastia, nas localidades de Brasfemes, Ceira, São João do Campo, São Silvestre e São Martinho da Árvore.

Tenho em vista analisar de forma detalhada cada elemento integrado na programação do projeto, dando conta da forma a operacionalização de conceitos como democracia cultural ou arte participativa, se associam à ação do JACC através das suas iniciativas.

Mondego Ensemble Jazz ao Centro - Residência Artística em Taveiro | Loucomotiva - Grupo de Teatro de Taveiro



Fora dos Eixos | Mondego: Ensemble Jazz ao Centro Residência Artística em Taveiro | Loucomotiva - Grupo de Teatro de Taveiro
Fotografia: João Duarte

O Jazz ao Centro Clube promoveu uma parceria com o Teatro Loucomotiva com o objetivo de realizar uma residência artística que aprofundasse o trabalho desenvolvido pelo Mondego: Ensemble Jazz ao Centro. Este ensemble é uma plataforma para compositores e intérpretes de diferentes locais da região de Coimbra, que engloba duas dimensões, a compositiva e a improvisada. As peças que o grupo interpretou no evento realizado no âmbito do *Fora dos Eixos*, resultaram de encomendas aos compositores Andreia Santos, Luís Figueiredo, Gonçalo Moreira, João Mortágua e Ricardo Formoso. No primeiro dia, em dezembro de 2020, sob a direção artística de João Mortágua e Ricardo Formoso, o grupo, composto por oito músicos, três músicos no saxofone (João Mortágua – Saxofone alto/ Saxofone Soprano; José Soares – Saxofone Alto; Guilherme Fradinho – Saxofone Tenor), dois músicos no trompete (Ricardo Formoso – Trompete/Fliscorne; Pedro Jerónimo – Trompete/Fliscorne), um trombone ao encargo de Andreia Santos, o contrabaixo de João Cação e a bateria de Miguel Fernández, apresentou-se no Teatro Académico de Gil Vicente com as suas composições originais, integrando os músicos que realizaram a proposta da JACC com a Loucomotiva. A 13 de

setembro de 2021 o octeto atuou na Escola Secundária José Falcão para 150 jovens estudantes, reforçando o objetivo de estabelecer laços com a dimensão do serviço educativo, propondo uma proximidade entre a cultura, a arte e a educação. O grupo partiu logo depois para a residência artística na Loucomotiva que se realizou nos dias 16 e 17 de setembro de 2021.

A direção artística da residência feita em Taveiro esteve a cargo de João Mortágua, Ricardo Formoso e Andreia Santos. É necessário destacar o papel da Loucomotiva, Grupo de Teatro de Taveiro, que disponibilizou o seu espaço para os ensaios da residência, um contributo fundamental para a coesão do grupo e para a solidez da composição técnica. Fruto do conforto do espaço e das condições garantidas, a residência promoveu uma abordagem cooperativa da composição e interpretação musical, permitindo sugestões e críticas que fortaleceram a dimensão performativa e compositiva do grupo e do projeto. O Grupo de Teatro de Taveiro tem na sua génese o intuito de ser um motor de novas apostas artísticas e, na sua ação específica, uma nova visão do teatro com uma abordagem irreverente, promovendo uma loucura sã através de uma permanente descoberta artística e cívica. Realço no trabalho desenvolvido pelo Grupo de Teatro de Taveiro, numa intervenção mais próxima de um serviço educativo, o projeto “Oficinas Loucomotiva” que tem como objetivo proporcionar a crianças e jovens uma experiência de participação numa temporada de espetáculos teatrais com o intuito de cruzar a pedagogia com a arte e cultura, promovendo o desenvolvimento emocional dos jovens através de técnicas e métodos explorados no universo teatral. Loucomotiva avança o seguinte na sua plataforma online:

“A experiência de participação numa temporada de espetáculos teatrais constitui para crianças e jovens um momento único na sua vida que ajudará, inevitavelmente, à sua formação não só artística e cultural, mas também pessoal e cívica, uma vez que o contacto com todos os momentos exigidos pela apresentação de um espetáculo irá fortalecer a confiança, a autoestima, a disciplina, a segurança, a afirmação pessoal e a motivação para uma intervenção ativa na vida social, económica, política e cultural da vida do município de Coimbra.

Creemos que, por intermédio das técnicas e métodos pedagógicos utilizados no decurso das sessões formativas, estaremos a formar cidadãos mais bem dotados para lidar com todos os desafios do futuro e, conseqüentemente, adultos mais conscientes do

seu papel vindouro como agentes de transformação de uma sociedade cada vez mais complexa e desafiante.” (Teatro Taveiro, site consultado a 2 de junho, 2021)

Realço também o trabalho desenvolvido pela equipa técnica do Salão Brazil, em específico de João Miranda e Emanuel Enes, que garantiram as condições necessárias para a gravação dos ensaios e documentação dos mesmos, acompanhando os dois dias de trabalho em Taveiro. Estas gravações revelaram-se valiosas, não só pela sua documentação, mas por permitir aos músicos uma análise do progresso feito e, assim, uma sedimentação das suas composições e da performance do grupo.

O meu papel nesta residência decorreu da minha relação profissional com o JACC durante 2021, acompanhando a residência com a função de produtor, realizando tarefas necessárias para a organização dos trabalhos durante o dia. Em concreto, desempenhei funções simples mas que garantiram a exequibilidade do plano de trabalho do grupo: garantir o transporte dos músicos; assegurar as condições de hospitalidade, o pequeno *catering* com bens essenciais para o conforto dos músicos durante os ensaios, como água ou fruta, as refeições do grupo, com o apoio da equipa JACC que se deslocava ao local para trazer a alimentação, cuidadosamente confeccionada pela Sra. Rosa, cozinheira de comida tradicional do Salão Brazil; garantir o transporte de material técnico, com o apoio da equipa técnica do Salão Brazil; apoiar os trabalhos de João Duarte, o fotógrafo da JACC, fez uma pequena documentação fotográfica da residência. Todas estas questões correram tranquilamente devido à disponibilidade e profissionalismo de Luís de Melo, responsável da Loucomotiva que acompanhou de perto a residência, ajudando sempre que necessário.

A minha experiência, não tendo uma observação participante formal, permitiu observar a relação estabelecida entre os músicos, durante um processo de composição que se apresentava sólido. Suscetível a flutuações compositivas em diversos momentos de improvisação pensados minuciosamente pelos compositores para cada tema, o trabalho foi adquirindo maior densidade musical e uma relação clara de diálogo entre os músicos que apenas será possível descrever através da sua paisagem sonora.

O culminar da residência artística integrou a programação do Fora dos Eixos com a realização de um concerto gratuito no Mercado do Calhabé, realizado no dia 19 de setembro de 2021. A sua realização neste espaço ilustra a intenção do JACC em promover

iniciativas em zonas de periferia e a zona central do meio urbano da cidade, selecionando para a realização de performances em locais simbólicos e de referência local de modo a estabelecer uma relação de proximidade com a comunidade. Depois, o projeto rumou ao Salão Brazil onde apresentou o trabalho desenvolvido, tendo transmitido uma energia distinta da vivida em clima de ensaio. Este concerto seria mais tarde editado e masterizado pela JACC Records que documentou discograficamente o resultado de todo o processo descrito anteriormente.



Fora dos Eixos | Mondego: Ensemble Jazz ao Centro | Escola Secundaria José Falcão
Instrumentos e plateia de 150 jovens estudantes | Fotografia: João Duarte



Fora dos Eixos | Mondego: Ensemble Jazz ao Centro | Escola Secundaria José Falcão
Fotografia: João Duarte

Cine-Concertos | Cernache, Assafarge e Antanhol, Almalaguês, Trouxemil e Souselas e Botão



Fora dos Eixos | O Garoto de Charlot, musicado por Marcelo dos Reis
Espaço Cultural UF Souselas e Botão, Souselas | Fotografia: João Miranda

O JACC promoveu também um ciclo de cine-concertos, realizados em freguesias de zonas periféricas da cidade de Coimbra, estabelecendo um contacto direto, em todas as freguesias, com as Juntas de Freguesia que apoiaram e colaboraram a realização dos cine-concertos.

Nestes cine-concertos foi apresentado o filme mudo *O Garoto de Charlot 'The Kid'*, de 1921, assinalando o centésimo ano de Charlie Chaplin, a sonorização ao cargo do reconhecido artista local Marcelo dos Reis. Este é um ativo músico na cena musical jazzística local e nacional, com várias obras apresentadas na última década, contracenando com diversos artistas nacionais e internacionais, tendo sido já nomeado como um dos cinco melhores guitarristas pelo *El Intruso* na 8ª e 9ª Conferência Anual Internacional de Críticos Musicais. Para além do seu trabalho como artista, Marcelo dos Reis é também professor de guitarra na Academia de Música do Centro Norton de Matos,

instituição que tem uma já longa relação com o Jazz ao Centro Clube. O cine-concerto foi preparado minuciosamente pelo artista que criou uma banda sonora para o icónico filme mudo, tendo como objetivo “*captar a riqueza das emoções do filme de Chaplin*” (*in site*, Jazz ao Centro Clube, consultado a 22 de julho 2022)

O acompanhamento que fiz do ciclo de cine-concertos desdobrou-se principalmente na sua pré-produção, acompanhado por outra colega estagiária, fazendo várias visitas técnicas aos locais em que os eventos se realizaram estabelecendo um contacto direto com os responsáveis das autarquias locais que nos acompanharam e colaboraram na definição e avaliação das condições técnicas para a elaboração do evento. Estes contactos foram breves, tendo como objetivo definir o espaço para a tela, para o artista, para a equipa técnica e para a audiência, garantindo o conforto e condições de trabalho para todos os envolvidos. Após a documentação de toda a informação útil, esta foi entregue à equipa do JACC que organizou os passos seguintes da produção do evento.

A minha experiência na pré-produção do ciclo de cine-concertos, permite-me dar conta de duas posições assumidas pelas autarquias locais em relação ao projeto proposto pela JACC. É necessário destacar que o período em que estes eventos tiveram lugar, coincidiu com um momento político sensível, o de eleições autárquicas que, de facto influenciou de forma positiva ou negativa como as autarquias acolheram a propostas e as possibilidades efetivas da sua realização. Foi notório o interesse de algumas autarquias que prontamente se disponibilizaram para colaborar e realizar o evento na sua localidade, facilitando a dinamização artística e cultural da comunidade, a presença de um artista de referência do jazz local, nacional e internacional, promovendo a democracia cultural através da possibilidade de criação de eventos que são comuns nos centros urbanos, mas raros nas comunidades periféricas.

A par da posição descrita, foi possível encontrar Juntas de Freguesia que não demonstraram interesse pelo projeto, ilustrando esse distanciamento de diversas formas, incluindo a total ausência de resposta à proposta, mesmo após diversos contactos por via digital e telefónica, havendo outros casos em que assumidamente existia uma recusa de apoio do projeto, encontrando-se os motivos associados à campanha eleitoral entre as razões de fundamentação. Estas posições revelam a importância do poder local e das suas tomadas de decisão na realização de eventos culturais, tendo as autarquias capacidade de

apoiar, colaborar e promover o evento ou recusá-lo, criando obstáculos por muitas vezes difíceis de contornar, resultando na impossibilidade de realização do evento proposto.

O ciclo de cine-concertos levou a equipa do JACC, Marcelo dos Reis e o filme de Charlie Chaplin até freguesias da zona periférica da cidade de Coimbra, abraçando parcerias e colaborações com as autarquias que permitiram a realização dos eventos, ao ar livre, de forma gratuita para a sua comunidade. A estreia do ciclo de filmes musicados aconteceu na freguesia de Souselas no Espaço Cultural da União de Freguesias de Souselas e de Botão, no dia 27 de agosto de 2021; em Trouxemil, o cine-concerto realizou-se no Largo 5 de outubro, no dia 29 de agosto; em Almalaguês o espetáculo foi realizado no Largo da Igreja Paroquial, no dia 4 de setembro; na freguesia de Cernache, o local do evento foi na Rua Moinha das Lapas, no dia 10 de setembro 2021; e a última sessão aconteceu na freguesia de Antanhol Assafarge, à semelhança do que aconteceu em Almalaguês, no Largo da Igreja no dia 11 de setembro de 2021.



Fora dos Eixos | O Garoto de Charlot, musicado por Marcelo dos Reis | Espaço Cultural UF Souselas e Botão, Souselas
Fotografia: João Miranda



Fora dos Eixos | O Garoto de Charlot, musicado por Marcelo dos Reis | Largo 5 de outubro, Trouxemil
Fotografia: João Duarte

Concertos | Bairro do Ingote; Santo António dos Olivais; Mercado do Calhabé



Fora dos Eixos | Rodrigo Amado, solo saxofone | Anfiteatro Calçada do Gato, Santo António dos Olivais
Fotografia: João Duarte

O *Fora dos Eixos* apresenta na sua diversificada programação em múltiplas áreas artísticas, mas com uma evidente génese performativa. Nesse quadro inserem-se os concertos em locais peculiares da zona urbana de Coimbra, como o anfiteatro Calçada do Gato em Santo António dos Olivais, o Mercado do Calhabé, na Rua dos Combatentes da Grande Guerra ou o Largo da Amizade no coração do Bairro do Ingote. Os concertos, que detalharei singularmente, tiveram como objetivo estabelecer um laço com zonas periféricas ou próximas do centro urbano que têm uma atividade artística e cultural reduzida ou nula, proporcionando a possibilidade de apresentação: de um projeto emergente como o Mondego Ensemble Jazz ao Centro; de um músico português conceituado no universo jazzístico nacional e internacional – o Rodrigo Amado - que interpretou os temas do seu mais recente álbum a solo; ou Frankão, artista que realizou o projeto PLANALTO, culminando essa atividade com o concerto de *O Gringo Sou EU* (Frankão) para o qual convidou vários jovens que participaram nas ações de formação do

projeto a fim de algumas das sonoridades desenvolvidas nessa formação. O concerto foi acompanhado pela comunidade de forma atenta, carinhosa e calorosa resultando num momento muito interessante do projeto, que fruto da minha posição de proximidade com o projeto.

Os três locais escolhidos para estes concertos têm razões comuns e que convergem com os objetivos delineados pelo projeto piloto do JACC. A presença em espaços com valor simbólico para as comunidades acresce o valor do projeto.

O concerto que deu início a este ciclo de concertos foi a performance do octeto Mondego Ensemble Jazz ao Centro que aconteceu no dia 19 de setembro, no Mercado do Calhabé, na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, da União das Freguesias de Coimbra. Um concerto gratuito onde o Ensemble apresentou o trabalho desenvolvido na residência artística realizada em Taveiro, em parceria com a Loucomotiva.

O Mercado do Calhabé é um histórico local de comércio criado em 1942, e com atividade permanente até hoje, mantendo o centro da sua atividade no comércio de produtos da pequena agricultura local, os hortofrutícolas e peixe. É necessário referir o estado precário e degradado de alguns dos espaços públicos do centro urbano da cidade de Coimbra, como realçou o presidente da União de Freguesias de Coimbra, João Francisco Campos; (que continuou em funções após as eleições de 2020). A sua requalificação é um assunto de debate entre a União de Freguesias e a Câmara Municipal de Coimbra que detém a posse deste património. De salientar que a maioria do património existente na área da UF de Coimbra inclui o centro histórico da cidade e é parte da área classificada como Património da Humanidade da UNESCO. Por essa razão existe uma preocupação reforçada relativamente à proteção e requalificação de diferentes elementos desse património, que nem sempre é fácil na consequência de diversos fatores, desde a falta de fundos até razões políticas. A 7 de fevereiro de 2020, o presidente da Junta de Freguesia da União de Freguesias de Coimbra, deu uma entrevista ao jornal *O Despertar* referindo a necessidade prioritária de proteção de espaços públicos como o Mercado do Calhabé, afirmando que, apesar de haver um planeamento definido para a requalificação deste espaço e de outros espaços comuns, a Junta de Freguesia depende da autorização da Câmara Municipal de Coimbra, condicionando estruturalmente a ação da Junta de Freguesia, especialmente quando as forças políticas em cada uma das autarquias não é a

mesma. O líder do executivo da UF de Coimbra refere diretamente alguns obstáculos à ação autárquica.

“No seio urbano (que engloba a grande maioria do território), a maior dificuldade prende-se, como explica o presidente, com “os entraves que surgem diariamente” e que condicionam a realização dos trabalhos, uma vez que, no caso da UF a que preside, depende da autorização da Câmara para praticamente tudo, desde as pequenas obras, como o arranjo de um simples passeio, a um projeto de maior dimensão. João Francisco Campos lamenta que o “relacionamento com a autarquia nem sempre seja fácil” e que seja “muito complicado para um presidente de junta deste concelho conseguir ter uma reunião com o Sr. Presidente da Câmara”. (Jornal O Despertar, 2020, 7 de Fevereiro)

É importante realçar estas relações mais ou menos conflituais entre os agentes autárquicos porque ilustram as tensões que existem, as pressões para cumprir diferentes agendas políticas que, muitas vezes, se sobrepõem às necessidades das comunidades que representam. A estratégia do Jazz ao Centro Clube procura multiplicar as opções de dinamização de locais simbólicos para as comunidades, contribuindo diretamente para a sua valorização social, cultural e patrimonial.

Neste projeto não exerci funções de produção, no entanto destaco a presença da equipa do JACC com duas pessoas na produção, dois técnicos de som a cargo da dimensão técnica, contando com a presença do fotógrafo da equipa do JACC e ainda do presidente da associação e programador do Jazz ao Centro Clube que acompanhou de perto toda a programação do *Fora dos Eixos*.



Fora dos Eixos | Mondego: Ensemble Jazz ao Centro | Mercado do Calhabé, União de Freguesias de Coimbra
Fotografia: João Duarte



Fora dos Eixos | Mondego: Ensemble Jazz ao Centro | Mercado do Calhabé, União de Freguesias de Coimbra
Fotografia: João Duarte

O segundo momento performativo teve lugar em Santo António dos Olivais, no Anfiteatro Calçada do Gato que serviu palco à apresentação de *Refraction Solo*, a mais recente obra de Rodrigo Amado. O saxofonista, natural de Lisboa, tem vindo a apresentar obras através de momentos performativos que o levaram a diversos cantos do mundo com o objetivo de ilustrar as suas paisagens sonoras, sempre procurando a liberdade musical e explorando o vasto universo da música improvisada. A sua longa carreira levou a que fosse nomeado como o primeiro na lista de melhor saxofone tenor, segundo o *El Intruso International Critics Poll*. Após o longo período de confinamento, o seu mais recente trabalho explora o instrumento que sempre o acompanhou ao longo de uma densa reflexão musical, analisando as obras de Ornette Coleman, Sonny Rollins, Don Cherry, Sam Rivers ou Thelonious Monk. O JACC refere no seu site que esta obra reflete:

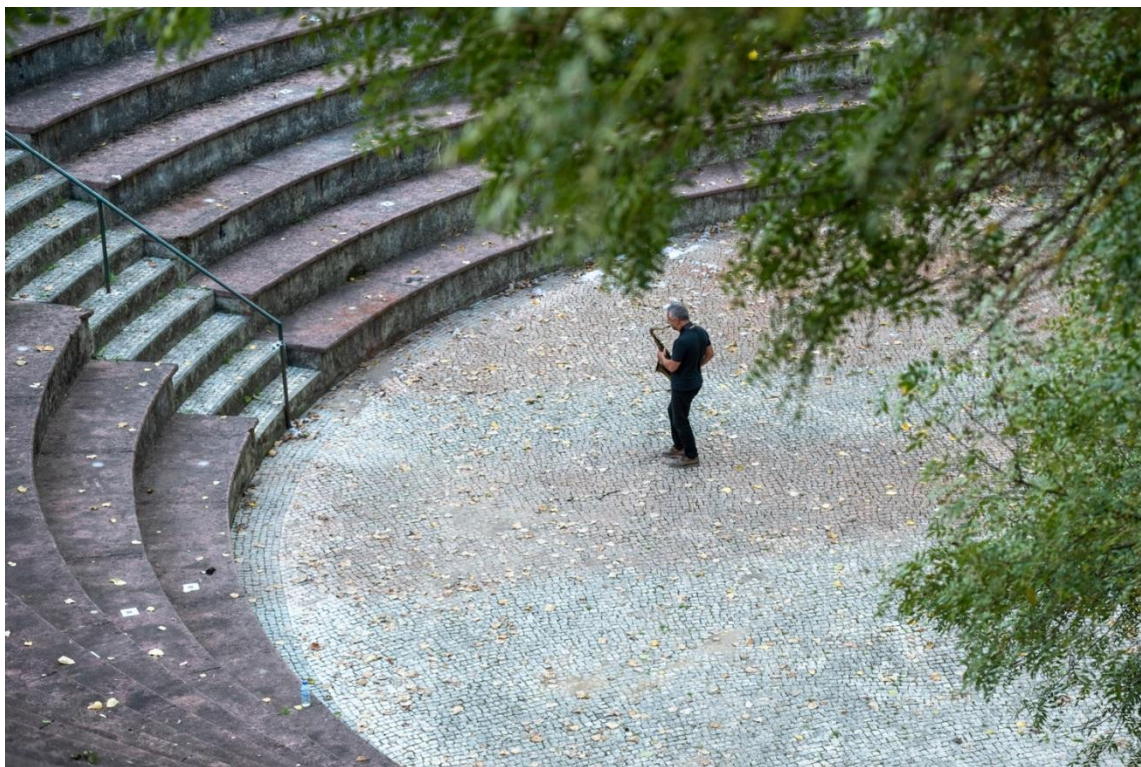
“Uma perspetiva profundamente pessoal da improvisação que procura (Rodrigo Amado) recuperar e integrar de forma orgânica elementos estruturantes do seu discurso que surgem agora com novos significados. Em palco, a solo, entrega-se a essa energia”. (in site Aldeias do Xisto, *Rodrigo Amado Refraction Solo*, consultado a 17 de junho 2022)

O evento realizou-se em parceria com a Junta de Freguesia de Santo António dos Olivais, com o apoio direto do líder do executivo Francisco Correia de Figueiredo Andrade que garantiu elementos fundamentais à realização do evento, nomeadamente um camarim para o artista no local. A Dra. Maria Graça, responsável pelo pelouro da Cultura e da Ação Social da Junta de Freguesia, foi uma ajuda na organização e produção do evento, garantindo todos os apoios indicados pelo líder da Junta de Freguesia, ou seja, acesso a um ponto de eletricidade para o material de som do evento. Apesar de ter sido um espetáculo acústico, sem qualquer amplificação sonora elétrica, este recurso era fundamental no camarim, assim como para a paisagem sonora breve antecedente e posterior à performance. Estas questões de pré-produção do evento são transversais a todos os eventos realizados pelo JACC, seja o contato com os artistas ou com as entidades autarquias locais no sentido de uma cooperação fundamental para o sucesso do evento.

A minha função neste evento foi de pré-produção e produção do evento. Quanto à sua pré-produção, realizei uma visita técnica ao local para perceber as condicionantes técnicas do evento, coordenando, após a visita, todas as questões com a Dra. Maria Graça que se disponibilizou para apoiar o evento. Vale a pena realçar um aspeto um pouco insólito da preparação do evento: a Junta de Freguesia não tem uma solução elétrica para

aquele local, tendo sido necessário o pedido de colaboração a um residente local, negociado pela Junta de Freguesia, para ter sido possível a disponibilização temporária de energia para a realização do evento. A produção do evento, desdobrou-se em tarefas já referidas anteriormente como a preparação do espaço destinado ao artista, a preparação dos lugares para a audiência visto o evento se ter realizado sob normas do espaço destinado à discografia da JACC Records e do artista. A produção do evento teve o contributo de uma outra estagiária do JACC e que se disponibilizou para dar suporte na produção do concerto, além da presença de João Duarte, fotógrafo da equipa Jazz ao Centro.

A produção deste evento ilustra de forma generalizada algumas das dificuldades enfrentadas quando se procura dinamizar diversos espaços nas urbanas, muitas vezes ausentes do circuito artístico e cultural da cidade. No entanto, sublinho, o planeamento do JACC neste concerto. A performance de Rodrigo Amado foi totalmente acústica, prolongou-se durante cerca de 60 minutos e incorporou as características acústicas do anfiteatro⁸, integrando-se organicamente no Anfiteatro Calçada do Gato.



Fora dos Eixos | Rodrigo Amado - *Refraction Solo* | Anfiteatro Calçada do Gato, Santo António dos Olivais
Fotografia: João Duarte



Fora dos Eixos | Rodrigo Amado – *Refraction Solo* | Anfiteatro Calçada do Gato, Santo António dos Olivais
Fotografia: João Duarte

O último deste ciclo de concertos aconteceu no dia 9 de outubro de 2021, no Largo da Amizade, no Bairro do Ingote, com a performance de Frankão, *O Gringo Sou EU*. Este contou com a presença de alguns dos jovens do bairro que participaram nas sessões de formação sobre produção musical, realizadas no âmbito do projeto *PANALTO*. O *Fora dos Eixos* previu a apresentação do trabalho desenvolvido nas ações de formação neste espetáculo, que incluiu um tema original cuja produção musical foi inteiramente assegurada pelos jovens participantes. A este somou-se uma performance vocal de uma das jovens que integrou o projeto. De facto, este projeto pautou-se pela disseminação de conhecimentos técnicos de produção musical junto de jovens entre os 12 e os 17 anos, com uma dimensão essencialmente digital, bastante próxima das produções musicais digitais contemporâneas. Foi um projeto que assumiu uma intenção transformadora sobre a relação que os jovens estabelecem com a música e com as práticas culturais e artísticas contemporâneas. Com uma direção assumidamente musical, o projeto teve como objetivo promover o desenvolvimento de apetências técnicas entre os jovens, capazes de fomentar a criação artística dos próprios jovens, a sua autonomia e o seu progressivo desenvolvimento.

À semelhança do que aconteceu concerto de Rodrigo Amado, a minha função desdobrou-se entre a pré-produção do evento e a sua produção. A pré-produção envolveu uma visita para detalhar as condições técnicas exigidas para a realização do evento, enquanto a produção do evento envolveu a presença de toda a equipa do JACC, visto tratar-se de um evento cuja realização foi exigente em termos de material de som e de palco. A produção, contou com Adriana Ávila, coordenadora da produção JACC, tendo a dimensão técnica a cargo de Emanuel Enes, com a colaboração de José Miguel para além da lente de João Duarte na documentação do evento. Uma nota sobre os registos fotográficos deste evento em particular. Esses registos permitiram perceber a forte presença da comunidade local, sendo ela bastante diversa com pessoas, crianças, jovens e adultos que fizeram questão de estar presentes num momento particular da comunidade local.



Fora dos Eixos | *OGringo Sou EU* & Convidados | Largo da Amizade, Bairro do Ingote
Fotografia: João Duarte



Fora dos Eixos | *OGringo Sou EU & Convidados* | Largo da Amizade, Bairro do Ingote
Fotografia: João Duarte



Fora dos Eixos | *OGringo Sou EU & Convidados* | Largo da Amizade, Bairro do Ingote
Fotografia: João Duarte

Lugares Sonoros: Passeios sonoros e Escuta criativa | Brasfemes, Ceira, S. João do Campo, S. Silvestre, S. Martinho da Árvore



Fora dos Eixos | Lugares Sonoros: Passeios Sonoros e Escuta Criativa | Brasfemes, Coimbra
Fotografia: João Duarte

O *Fora dos Eixos* promoveu ainda a performance/workshop de Luís Antero denominada *Lugares Sonoros – Passeios Sonoros e Escuta Criativa*. Esta atividade teve como objetivo a realização de passeios sonoros em aldeias da periferia de Coimbra, descobrindo a sua identidade sonora e, em simultâneo, dando a conhecer diversas técnicas usadas pela sonoplastia capazes de dar conta de como escutar o ambiente que nos circunscribe. De acordo com a sinopse elaborada pelo JACC, partilhada na plataforma digital Facebook, no segmento dos eventos, avança a seguinte sinopse:

O som faz parte da identidade dos lugares. Através das suas paisagens e marcos sonoros, conhecemos os lugares sem que para eles tenhamos que ter a paisagem visual como guia. Este é um passeio sonoro e ao mesmo tempo um exercício de escuta criativa. Percorremos estas aldeias e descobrimos as suas identidades através do seu sentir acústico, das suas reverberações e do espaço onde o silêncio se instala. (Facebook Serviço Educativo JACC, 2021; consultado a 17 julho 2022)

O passeio sonoro realizou-se com um número máximo de 5 participantes. O motivo do diminuto número de participantes prende-se com o formato técnico em que o passeio foi realizado. Luís Antero utiliza um microfone binaural, de elevadíssimo alcance e detalhe sonoro, que divide o seu sinal apenas em cinco vias de auscultadores. Foi desta forma que o sonoplasta conduziu um roteiro pelas diversas aldeias registando e tornando audível as suas identidades sonoras.



Fora dos Eixos | Lugares Sonoros: Passeios Sonoros e Escuta Criativa | Brasfemes, Coimbra
Fotografia: João Duarte

A primeira sessão aconteceu na aldeia de Brasfemes, com 1969 habitantes (Censos 2021), no dia 8 de dezembro pelas 10h30. Tive a oportunidade de participar nesta sessão de abertura dos passeios sonoros. No momento de chegada estava a decorrer uma celebração do aniversário da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Brasfemes, o que permitiu que o início da sessão desse logo conta das múltiplas sonoridades de um evento cultural e social a acontecer naquele instante. Seguidamente iniciou-se o percurso por Luís Antero para revelar a identidade sonora desta aldeia da região de Coimbra. Um exemplo é o da diversa pequena pecuária que existe neste meio, reconhecível nos sons de galinhas, galos, ovelhas, cabras, pequenos pássaros de

estimação, pombos, cães, entre outros; as sonoridades captadas na vegetação, algo a que Luís Antero dedicou bastante tempo, deram conta das diferentes sonoridades produzidas por pinheiros, eucaliptos e diversas espécies selvagens, proeminentes têm quando existe uma intensidade de vento elevada e variáveis de acordo com a sua idade, os sons do património local edificado, como os sinos da igreja local, fez-se sentir em toda a região próxima: a exploração da reação de postes de sinalização, fechaduras ferrugentas envelhecidas pelo tempo, pequenos poços de água em movimento, etc; um exemplo que vale a pena abordar é o da poluição sonora causada pelos veículos automóveis (carros, motas, camiões,...) mesmo num local com uma poluição sonora reduzida, o som destes veículos é tão intenso que polui uma captação sonora com cerca de 30 segundos, sendo que esta sonoridade encontra-se presente de 2 em 2 minutos durante o passeio sonoro até o grupo se distanciar da zona central devido à força deste sinal sonoro. Facilmente este exemplo nos remete para as problemáticas da poluição sonora nos centros urbanos e não urbanos, que, apesar da sua escuta não ser protagonista, não apaga a sua dolorosa presença.

A segunda sessão decorreu no mesmo dia, pelas 14h30 em Ceira, local com 3701 habitantes (Censos 2021). A sessão seguinte decorreu no dia 11 de dezembro, pelas 14h30 em São João do Campo, localidade com 2073 habitantes (Censos 2021), terminando os passeios sonoros no dia 12 de dezembro, em São Silvestre pelas 10h30, na localidade com 3122 habitantes (Censos 2021) e pelas 14h30 em São Martinho de Árvore, uma pequena localidade com 1033 habitantes (Censos 2021).

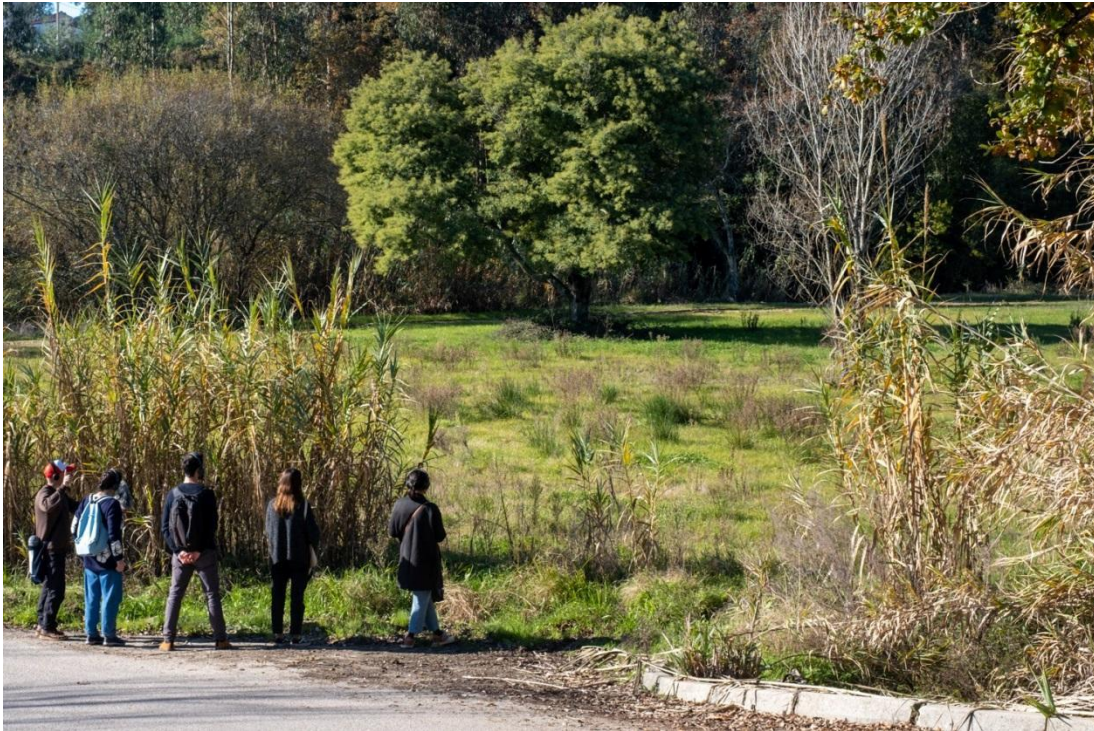
Esta atividade demonstra a importância de escutar o meio que nos envolve, na medida em que estas práticas artísticas de documentação sonora se podem tornar elementos fundamentais para a caracterização da identidade local, preservando a sua paisagem sonora num determinado momento no tempo. Luís Antero tem desenvolvido trabalhos neste âmbito, cruzando as dinâmicas de sonoplastia com o ambientalismo e, em alguns casos, abraçando um certo ativismo ambiental. Um exemplo do trabalho que tem estado a desenvolver, é o seu projeto de documentação da paisagem sonora de Pedrógão, região que teve oportunidade de documentar antes do incêndio aterrador que aconteceu em 2017, estando neste momento numa nova fase do registo pós incêndio. Neste caso conseguimos perceber a densidade do valor tangível e intangível que o artista pretende explorar.

Os passeios sonoros realizados não necessitaram de uma elevada preparação de produção, tendo apenas de ser preparada uma pequena tertúlia no término do passeio acompanhada de alguns produtos regionais das diversas aldeias percorridas.

É neste cruzamento entre as dimensões artísticas e culturais que a JACC apresenta a sua programação com a intenção de dar continuidade ao seu já longo trabalho na área da sonoplastia e da escuta do meio urbano e rural da cidade de Coimbra, de que são exemplos o projeto *Arquivo Sonoro do Centro Histórico de Coimbra*, *Sons da Cidade* ou *Dar a Ouvir*.



Fora dos Eixos | Lugares Sonoros: Passeios Sonoros e Escuta Criativa | São Silvestre, Coimbra
Fotografia: João Duarte



Fora dos Eixos | Lugares Sonoros: Passeios Sonoros e Escuta Criativa | São Silvestre, Coimbra
Fotografia: João Duarte

Conclusão

Após a descrição do projeto *Fora dos Eixos* decorrido em 2021, é necessário desenvolver uma reflexão capaz de articular a discussão teórica com os projetos descritos pelo Serviço Educativo do Jazz ao Centro Clube.

Num primeiro momento deste relatório, foi necessário elaborar uma contextualização do percurso da Jazz ao Centro Clube, descrevendo, o momento em que estabeleço um laço com esta associação sediada na baixa de Coimbra. De um ponto de vista geral, temos de olhar para o percurso da JACC desde a sua constituição como associação cultural, enraizada da organização do *Festival Jazz ao Centro - Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra*. As linhas estatutárias fundamentais apontam como objetivos a *promoção, divulgação e ensino da cultura musical, com especial ênfase no Jazz*. (*in site*, Jazz ao Centro Clube, Sobre; consultado 17 de Julho de 2022) Depois de integrar a programação de Coimbra na Capital Nacional da Cultura, em 2003, o JACC inicia um processo de institucionalização através do desenvolvimento de diversos projetos em áreas multidisciplinares do universo cultural e formativo.

Após esta contextualização, foi feita uma caracterização da equipa da associação, assim como uma análise dos princípios subjacentes à estratégia de ação, à programação e objetivos da mesma. A equipa JACC tem duas pessoas centrais na administração do funcionamento da associação: José Miguel, presidente eleito e diretor artístico da associação; e Adriana Ávila, responsável pela produção do Salão Brazil e dos eventos JACC. São estas duas pessoas as responsáveis pelo planeamento e realização das atividades organizadas e realizadas. Soma-se a esta equipa um conjunto de pessoas indispensáveis à realização dos diversos projetos da associação, como a direção técnica, o conselho artístico e editorial, dedicado maioritariamente à revista bimestral *jazz.pt*, o design e fotografia. Para além de toda esta escassa equipa, o JACC conta com o apoio de jovens estagiários, que chegam à associação através de programas de estágio protocolados com a Universidade de Coimbra e com o Instituto de Apoio à Formação e ao emprego.

Os princípios subjacentes à atividade do JACC remetem diretamente para a *Agenda 21 da Cultura*, documento que acentua a necessidade de as opções estratégicas

da política e da ação cultural se centrarem não apenas no acesso à cultura, mas no esforço para alcançar uma democracia cultural, capaz de dar conta da diversidade cultural e de a integrar no universo cultural português. É com base neste documento que a associação fundamenta as suas ideias e posteriormente a sua prática, através do desenvolvimento dos seus projetos. A permanente valorização do património tangível e intangível, assim como o olhar atento sobre todo o centro urbano da cidade e toda a região de Coimbra pautam alguns dos projetos da associação. Disso é exemplo o *XJazz – Ciclo de Jazz das Aldeias do Xisto*. Iniciado em 2012, é realizado em parceria com a *ADXTUR – Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto*, com o objetivo de dinamizar zonas rurais através da criação artística, promovendo residências artísticas, que mais tarde se transformaram em objetos sonoros discográficos, gravados e editados através pela *JACC Records* e múltiplos concertos e performances realizados em espaços rurais das aldeias do xisto.

Num outro plano, projetos como o *PLANALTO*, ilustram a relação entre a formação e o contacto com o universo artístico através de atividades que promovem o encontro entre um artista e um grupo de jovens através de *workshops* sobre conhecimentos básicos de produção musical, maioritariamente focado na produção de música digital contemporânea. Neste projeto o Serviço Educativo JACC cooperou com o Codigatómiko, com a associação Trampolim E8G, contando ainda com o apoio da Cáritas Diocesana de Coimbra com a disponibilização do espaço para a realização do projeto, localizado no Centro Comunitário de São José, no Bairro do Ingote, em Coimbra.

Estes exemplos representam a concretização de uma estratégia de ação direta com as comunidades, tendo sempre o jazz como companhia principal. É fácil perceber que a dinâmica desenvolvida pelo Serviço Educativo JACC, bem como a programação e os projetos desenvolvidos pela associação se aproximam de uma ação ampla e consciente.

O projeto central do presente relatório é o *Fora dos Eixos: Práticas Artísticas de Proximidade*. O projeto inicial do estágio curricular previa o acompanhamento das atividades a serem realizadas pelo JACC em 2022. Como as circunstâncias decorrentes da situação pandémica impuseram, tal veio a revelar-se impossível. No entanto, fruto da experiência que acumulei no estágio profissional realizado no JACC em 2021, foi possível desenvolver uma análise e reflexão sobre a filosofia subjacente à atividade

cultural desenvolvida pelo JACC e sobre os projetos que tive oportunidade de acompanhar ao longo desse ano.

Foi através deste plano de recurso que pude desenvolver reflexões teóricas que, do meu ponto de vista, permitem relacionar diretamente a ação que o Jazz ao Centro Clube tem vindo a desenvolver ao longo dos seus 19 anos de história com os princípios da democracia cultural, a arte participativa, acesso e participação livre numa esfera cultural diversa e para a eliminação das clivagens nos modos de relação com a cultura.

O presente relatório, por motivos circunstanciais, acabou por tomar um rumo distinto do planeado, assumindo-se, no entanto, como uma tentativa de articulação e cruzamento das perspetivas científica e profissional. Tento apresentar de forma clara as premissas sobre as quais assenta a ação cultural do JACC e a concretização das mesmas através de diversos projetos que de forma ampla, entrelaçam a arte com a formação, envolvendo a comunidade numa perspetiva de progressivo desenvolvimento cultural com práticas artísticas de proximidade.

Referências bibliográficas

- DigitalRM. «UF Coimbra: Mercado do Calhabé e da Estrada de Coselhas são obras prioritárias». *Jornal o Despertar*. Acedido 26 de junho de 2022.
Link
<https://www.odespertar.pt/uf-coimbra-mercado-do-calhabe-e-da-estrada-de-coselhas-sao-obras-prioritarias/>.
- Ferreira, António. *Sociologia do Direito – Uma Abordagem Sociopolítica*. Porto: Vida Económica, 2019.
- Lopes, João Teixeira. «Da democratização da Cultura a um conceito e prática alternativos de Democracia Cultural». *Saber & Educar* 14 (2009): 1–13.
- «Loucomotiva - Loucomotiva - Grupo de Teatro de Taveiro». Acedido 26 de janeiro de 2023.
Link
<https://www.teatrotaveiro.com/loucomotiva/>.
- «Lugares Sonoros, por Luís Antero | Passeios sonoros e escuta criativa [Fora dos Eixos] | Facebook». Acedido 27 de junho de 2022.
Link
<https://www.facebook.com/events/620945189321986/620945192655319>.
- Matarasso, François. *Uma Arte Irrequieta: Reflexões sobre o triunfo e importância da prática participativa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2019.
- «Rodrigo Amado Refraction Solo | Agenda | Aldeias do Xisto». Acedido 20 de junho de 2022.
Link
<https://www.aldeiasdoxisto.pt/pt/agenda/rodrigo-amado-refraction-solo/>.
- «Sobre | JACC». Acedido 2 de maio de 2022.
Link
<https://www.jazzaocentroclubes.pt/sobre>.